



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

**FACULDADE DE ECONOMIA**

**A UTILIDADE DA CONTABILIDADE PARA AS MICROEMPRESAS**

**HENRIQUE MIGUEL NASCIMENTO GOUVEIA**

Dissertação de Mestrado em Contabilidade

Faro - 2014

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE ECONOMIA

**A UTILIDADE DA CONTABILIDADE PARA AS MICROEMPRESAS**

HENRIQUE MIGUEL NASCIMENTO GOUVEIA

Dissertação de Mestrado em Contabilidade

**Dissertação orientada por:**

Doutor Joaquim Sant'ana Fernandes, professor adjunto da Universidade do Algarve

Mestre Cristina Isabel Gonçalves, professora adjunta da Universidade do Algarve

Faro - 2014

# **A UTILIDADE DA CONTABILIDADE PARA AS MICROEMPRESAS**

## **Declaração de autoria de trabalho**

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Copyright em nome de Henrique Miguel Nascimento Gouveia. A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

# ÍNDICE GERAL

	Página
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	<b>iv</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS</b> .....	<b>iv</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS</b> .....	<b>iv</b>
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	<b>v</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>vi</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>vii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>viii</b>
<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 – Enquadramento teórico do estudo .....	1
1.2 – Motivações pessoais e objetivos do estudo .....	4
1.3 – Questões de investigação .....	6
1.4 – Estrutura da dissertação .....	7
<b>CAPÍTULO 2 - REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>8</b>
2.1 – O processo de tomada de decisões .....	9
2.1.1 – Decisões estratégicas .....	12
2.1.2 – Decisões operacionais .....	14
2.1.3 – Fatores com influência nas decisões .....	15
2.2 – A informação contabilística nas decisões .....	17
2.3 – A Contabilidade e a sua utilidade para a Gestão.....	23
2.3.1 – Aspetos teóricos .....	23
2.3.2 – Contabilidade das pequenas empresas e os custos de contexto .....	28
2.4 – Estudos empíricos .....	30
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA</b> .....	<b>33</b>
3.1 – Universo e amostra.....	33
3.2 – Objetivos e hipóteses de investigação .....	37
3.3 – Instrumento de recolha de dados - inquérito.....	39
3.3.1 – Estrutura e conteúdo.....	39
3.3.2 – Aspetos logísticos.....	44
3.4 – Tratamento de dados .....	49
<b>CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>52</b>
4.1 – Caracterização da amostra .....	52

4.1.1 – Caracterização das empresas .....	52
4.1.2 – Caracterização dos respondentes .....	57
4.1.3 – Caracterização da contabilidade.....	60
4.2 – Utilização da informação contabilística .....	62
4.3 – A utilidade da informação contabilística .....	67
4.3.1 – Utilizadores da informação contabilística .....	67
4.3.2 – Não utilizadores da informação contabilística.....	73
4.4 – Utilizadores e não utilizadores – aspetos gerais.....	76
4.5 – O custo da contabilidade na empresa .....	80
<b>CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO .....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>98</b>
Apêndice 1 – Questionário.....	99
Apêndice 2 – Resultados dos testes.....	115

## ÍNDICE DE FIGURAS

	Página
<b>Figura 2.1</b> - Processo de decisão .....	10
<b>Figura 2.2</b> - Modelo tradicional de hierarquização de decisões .....	14
<b>Figura 2.3</b> - A informação contabilística e decisões .....	21
<b>Figura 2.4</b> - Mensuração dos custos .....	25
<b>Figura 2.5</b> - Utilizadores da informação financeira .....	26
<b>Figura 4.1</b> - Importância atribuída aos utilizadores .....	79

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

	Página
<b>Gráfico 4.1</b> - Taxa de respostas e empresas existentes por setores de atividade .....	54
<b>Gráfico 4.2</b> - Taxa de respostas e empresas existentes por regiões.....	55
<b>Gráfico 4.3</b> - Número de respostas por ano de constituição .....	57
<b>Gráfico 4.4</b> - Género.....	57
<b>Gráfico 4.5</b> - Habilitações literárias .....	58
<b>Gráfico 4.6</b> - Localização do serviço da contabilidade .....	60
<b>Gráfico 4.7</b> - Tipo de aplicação contabilística e local da sua elaboração.....	61
<b>Gráfico 4.8</b> - Utilizador da informação contabilística na gestão.....	62
<b>Gráfico 4.9</b> - Nível de importância atribuída à informação contabilística .....	72
<b>Gráfico 4.10</b> - Custo mensal com a contabilidade .....	81

## ÍNDICE DE QUADROS

	Página
<b>Quadro 3.1</b> – Número de e-mails e respostas obtidas .....	48
<b>Quadro 3.2</b> - Análise das variáveis .....	50
<b>Quadro 4.1</b> - Taxa de respostas por CAE.....	53
<b>Quadro 4.2</b> - Taxa de respostas, distribuídas por região .....	55
<b>Quadro 4.3</b> - Taxa de respostas por forma jurídica.....	56
<b>Quadro 4.4</b> - Idade .....	58
<b>Quadro 4.5</b> - Anos de experiência.....	59
<b>Quadro 4.6</b> - Utilidade da informação contabilística do ponto vista dos utilizadores. ..	68
<b>Quadro 4.7</b> - Teste diferença de medianas entre área formação e questão 18/19.....	70
<b>Quadro 4.8</b> - Causas da não utilização da informação da contabilidade.....	74
<b>Quadro 4.9</b> - Contabilidade como meio para apurar impostos .....	77
<b>Quadro 4.10</b> - Relação de confiança com o TOC.....	77
<b>Quadro 4.11</b> - Utilidade da contabilidade na ótica do custo .....	83

## LISTA DE SIGLAS

BVD	<i>Bureau Van Dijk</i>
CAE	Classificação Portuguesa das Atividades Económicas
CE	Comissão Europeia
EC	Estrutura Conceptual
IASB	<i>International Accounting Standards Board</i>
INE	Instituto Nacional de Estatística, Instituto Público
ME	Microempresa
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos
OTOC	Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas
PME	Micro, Pequenas e Médias Empresas
POC	Plano Oficial de Contabilidade
RLP	Resultado Líquido do Período
ROA	<i>Return on assets</i>
ROE	<i>Return on equity</i>
SNC	Sistema de Normalização Contabilística
TOC	Técnico Oficial de Contas
UE	União Europeia
VN	Volume de Negócios

## AGRADECIMENTOS

Na escuridão, um farol guia os navegadores indicando os perigos num percurso turbulento que é o mar, encaminhando-os com segurança até ao objetivo. Os meus orientadores têm sido o meu farol ao longo deste ano de trabalho, por isso, não podia estar mais grato para com os professores Sant´ana Fernandes e Cristina Gonçalves pela sua constante dedicação, valiosas críticas bem como todo o apoio moral. A vós o meu obrigado.

Quero também deixar um especial agradecimento ao professor Carlos Afonso pela sua incansável ajuda com os inquéritos e a hercúlia tarefa do envio dos *e-mails* bem como ao professor Luís Pereira pelos sábios aconselhamentos em matéria de estatística e a todos aqueles que contribuíram para o sucesso desde trabalho.

À Carla, minha mulher, por toda a paciência e compreensão e ao meu bebé Martim que nasceu a meio do processo, mas que veio dar ainda mais motivação para concluir o trabalho.

## RESUMO

São diversos os utilizadores da informação contabilística e o seu uso resultará dos interesses de cada um. Na presente dissertação estuda-se a utilidade da informação contabilística nas microempresas. Constitui-se como objetivo determinar se os gerentes/administradores destas empresas, com sede em Portugal continental, atendem a esta informação na gestão e que fatores podem influenciar a consideração da informação contabilística. Para a concretização deste trabalho, analisaram-se as respostas de um inquérito *on-line*, enviado a mais de 65.000 empresas, por *e-mail*. Obtiveram-se 609 respostas que representam a amostra do estudo.

Os resultados indicam que a informação contabilística é um recurso de grande parte das microempresas inquiridas e que diversas variáveis agrupadas em: estruturais, perfil do gerente/administrador e estrutura económica/financeira da entidade contribuem para que a informação contabilística seja utilizada na gestão. Os gerentes/administradores que têm formação nas áreas económicas (Economia, Finanças, Auditoria, Contabilidade, Gestão, etc.) atribuem em geral mais importância à informação contabilística. Não se evidenciou nenhum fator concreto que explique o motivo pelo qual algumas empresas não utilizam a informação contabilística, sendo que a dificuldade em interpretar a contabilidade pareceu ser o motivo mais evidente.

Palavras-chaves: Utilidade da informação contabilística, tomada de decisão, microempresas.

## ABSTRACT

The users of accounting information are many and its use will depend on the interest of each of them. The present dissertation studies the usefulness of the accounting information in micro-enterprises. The main goal is to determine if the managers of those companies, based in Portugal, meet this information in management and what factors may influence the consideration of accounting information. To achieve this study, the replies from an online survey, sent by e-mail to more than 65.000 companies, were analyzed. The study sample is represented by the 609 responses obtained.

The results show that the accounting information is a resource of most of the studied micro-enterprises and several variables grouped into: structural, manager profile and financial-economic structure contribute to the use of the accounting information in management. The managers with studies in economics (Economy, Finance, Auditing, Accounting, Management, etc.) overall, give more importance to the accounting information. No particular aspect was found that could explain the reason why some companies do not use the accounting information, however the difficulty in understanding accounting seemed to be the clearest reason.

Keywords: Accounting information usefulness, decision-making, micro-enterprise.

# CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

## 1.1 – Enquadramento teórico do estudo

Numa era em que a informação é um elemento primordial para o êxito das empresas, será com alguma naturalidade que a sua posse permitirá a quem decide tomar as decisões mais acertadas e seguir um caminho que satisfaça os objetivos propostos. No seu estudo exploratório, Albaum (1964) afirma que a informação melhora a tomada de decisões reduzindo o grau de incerteza, bem como proporciona à empresa uma vantagem competitiva sobre os seus competidores. Abramson *et al.* (2005) acrescentam ainda que informações sobre os concorrentes, que permitem aos gestores questionarem-se sobre os efeitos das variáveis decisórias nos resultados, aumenta o nível de competitividade e, na hora de delinear estratégias, os gestores que recolherem maior informação terão uma melhor perceção do meio envolvente (Bourgeois, 1985).

A informação é recolhida de diversas fontes, internas ou externas às empresas. Ao nível interno é obtida pelos diferentes departamentos das entidades, tal como o departamento de *marketing*, recursos humanos, comercial, contabilidade/financeiro, etc. Neste contexto, apesar do departamento da contabilidade desempenhar um papel particularmente relevante, Arnold e Turley (1996) referem que boas tomadas de decisões não dependem apenas da informação contabilística, esta deve ser vista como uma parte num largo conjunto de informações disponíveis aos decisores. Esta opinião é reforçada por Collier (2003) ao referir que os negócios não giram à volta da contabilidade.

Desta forma, o cômputo de todas as informações dota os decisores de um conjunto de conhecimentos que auxilia no quotidiano das operações. Assim, com base no *input* -

informação, o processo de decisão culminará numa deliberação, por parte dos decisores que têm a responsabilidade de avaliar os resultados decorrentes da comparação das diversas alternativas que têm na sua posse antes de tomar a decisão final (Eilon, 1969).

Segundo Collier (2003), os negócios estão relacionados com mercados, pessoas e operações, e a informação proporcionada pela contabilidade está presente em todos os aspetos destes negócios, na medida em que o processo contabilístico implica a representação financeira e económica de todas as operações e outros acontecimentos das entidades.

A contabilidade é assim um sistema de informação, dirigido quer para o público interno, quer externo às organizações, relevante para a tomada de decisão.

Os utentes internos da contabilidade nomeadamente os gestores das entidades, necessitam de informação mais detalhada, tempestiva e estratégica, e que permita uma melhoria do controlo e dos recursos internos da empresa. Esta informação é gerada pela contabilidade de gestão. Autores como Demski (1994) e Johnson e Kaplan (1987) enfatizam a evolução, a importância e a utilidade desta fonte de informação para a gestão.

Numa perspetiva mais ampla, existe a necessidade de dar maior importância à informação financeira, de forma a apresentar o resultado e a posição financeira da empresa a utilizadores externos. Blommaert *et al.* (1991) argumentam que para a maioria dos profissionais, investidores, professores universitários, analistas, bancários, etc., as demonstrações financeiras são as únicas evidências que apresentam a atividade empresarial. Esta informação é gerada pelo subsistema - contabilidade financeira.

O Instituto Nacional de Estatística, Instituto Público (INE), 2013, tendo como referência o ano de 2011, divulgou que a estrutura do setor empresarial em Portugal era constituída por um total de 1.136.697 empresas, sendo que juridicamente 769.156 correspondiam a empresas individuais e 367.541 a sociedades.

Ainda segundo o INE (2013) em 2011, num universo de 300.923<sup>1</sup> sociedades não financeiras, 254.764 eram microempresas (ME), representando assim cerca de 85% das sociedades, sendo que o critério utilizado pelo INE para classificar as empresas como micro obedece à definição constante da recomendação da Comissão Europeia (CE) (2003). É estabelecido segundo a recomendação 2003/361/CE que são ME todas as empresas que empregam menos de 10 pessoas e cujo volume de negócios (VN) ou total de balanço não ultrapassa os 2 milhões de euros. Neste universo cabem a grande maioria das empresas nacionais.

O estudo da Informa D&B (2012), empresa privada especializada em tratamento e análise de dados empresariais, refere que o número médio de sócios por empresas em Portugal no ano de 2011 foi de 1,5 e que a taxa de crescimento de constituição de empresas sob a forma jurídica de unipessoal nos últimos 10 anos foi mais de 66%.

Com o suporte destes dados, é possível afirmar, com alguma segurança, que quem assegura a gestão na esmagadora maioria das empresas em Portugal é o detentor do capital.

---

<sup>1</sup> O número total das sociedades não financeiras foi de 360.588, mas o INE considerou 300.923 sociedades relevantes, excluindo as sociedades com volume de negócios inferior a 5.820 euros.

À semelhança das grandes empresas, embora numa escala inferior, os responsáveis das ME também precisam de tomar decisões, necessitando por isso de um conjunto de informações que os apoiem nessa tarefa.

As funções primárias de gestão implicam o planeamento e controlo da empresa. Tanto a contabilidade financeira (Ohlson e Buckam, 1980), como a contabilidade de gestão (Hayes, 1977), desempenham um papel de grande importância pelos *outputs* gerados, servindo de suporte ao exercício das funções dos gestores. No entanto, as entidades com menor dimensão, não têm recursos suficientes para a criação e manutenção de um departamento financeiro/contabilidade. Nesta conformidade estas entidades socorrem-se, em regra, de serviços de *outsourcing*, para o cumprimento das obrigações declarativas e para a obtenção de informação contabilística/financeira. A evidência ao recurso a empresas externas verifica-se nas estatísticas dos serviços prestados às empresas em 2011, elaborado pelo INE (2012), onde se observa a existência de cerca de 40.000 empresas que prestam serviços de contabilidade, auditoria e consultoria.

## **1.2 – Motivações pessoais e objetivos do estudo**

Existem evidências da atividade contabilística que remontam ainda antes do neolítico. À medida que a história se foi escrevendo, a contabilidade tem ocupado uma constante presença na atividade económica desempenhando um apoio essencial no seio da organização económico-social (Carqueja, 2002). Desde há mais de 4.000 anos antes de Cristo até a atualidade, a contabilidade tem-se ajustado às constantes necessidades de cada período. A contabilidade mudou, está a mudar e irá certamente mudar no futuro,

sendo que o tomador de decisão é um elemento chave nesta mudança da história da contabilidade, através das suas escolhas de políticas contabilísticas (Napier, 2006).

Tal como um médico necessita de auscultar um paciente a fim de determinar do quê é que ele padece para lhe indicar o tratamento mais adequado, quem presta serviços às empresas deve compreender quais as necessidades destas e oferecer-lhes as soluções que mais se ajustam à sua realidade. Esta analogia determina a razão de ser do presente trabalho que se traduz fundamentalmente em compreender se no contexto atual, as empresas veem na contabilidade uma ferramenta de apoio nas diligências da gestão, nomeadamente nas tomadas de decisões.

As ME são dominantes no conjunto formado pelas Micro, Pequenas e Médias Empresas (PME) nacionais. Pelos números apresentados pela CE (2011), a representatividade das ME em Portugal é superior à média europeia visto que 5% das ME europeias estão localizadas em Portugal. A CE indica que 95,4% das empresas em Portugal são micro enquanto na Europa a média é de 92,1%. Numa visão mais pragmática, a realidade destes números revela que, tanto as empresas nacionais como europeias, são na esmagadora maioria ME. Daqui surge o interesse no objeto do trabalho, que se foca no universo das ME.

Soma-se ao interesse realizar um trabalho com o objetivo de estudar a utilidade da informação contabilística para as ME, isto é compreender se os seus responsáveis consideram útil a informação contabilística, tendo em conta que existem poucos estudos empíricos sobre esta matéria.

### 1.3 – Questões de investigação

O estudo pretende dar resposta às principais questões de investigação:

- Quais os fatores que influenciam a utilização da contabilidade como fonte de informação para a gestão.
- Que fatores influenciam a opinião sobre a utilidade da informação contabilística.

Para dar uma resposta objetiva a estas questões, foram tomados em conta variáveis qualitativas e quantitativas relativas à empresa e ao perfil do gerente/administrador. Procurou-se efetuar uma análise no sentido de determinar em que medida aquelas variáveis podem influenciar a atitude do gerente/administrador no peso que atribui à informação contabilística, enquanto fonte de informação na gestão. Também se procurou estudar os motivos dos que não utilizam a informação contabilística.

Complementarmente procurou-se analisar alguns aspetos como nomeadamente se a informação contabilística é útil para as decisões, a perceção de quais os principais utilizadores externos da informação contabilística e os custos associados com o serviço da contabilidade.

As conclusões do trabalho são suportadas pelos resultados do inquérito, que foi submetido a um conjunto de gerentes/administradores de empresas enquadradas nos parâmetros que compõem o universo do estudo - sociedades qualificáveis como ME, segundo a definição constante da Recomendação da Comissão de 6 de maio de 2003 (artigo 2º).

## 1.4 – Estrutura da dissertação

A presente dissertação está estruturada conforme se apresenta:

Capítulo 1 – Neste capítulo inicial, enquadra-se o tema do trabalho, dando algum ênfase à importância da informação, em particular da informação contabilística. Apresentam-se os objetivos principais, salientam-se as motivações pessoais e as questões de investigação.

Capítulo 2 – Neste ponto procede-se à revisão da literatura adequada ao estudo, fazendo referência a estudos que incidem sobre temas como, o processo de tomada de decisão, a pertinência da informação contabilística nas decisões, a contabilidade nas pequenas empresas e os custos de contexto. Por fim é feita uma referência a outros trabalhos científicos relacionados com o objetivo do estudo.

Capítulo 3 – Este capítulo apresenta a metodologia utilizada na investigação designadamente o objeto, a amostra, as hipóteses e objetivos de investigação, instrumento de recolha de dados e métodos estatísticos utilizados.

Capítulo 4 – Apresentam-se os resultados obtidos na análise e testes estatísticos uni e bivariados (não-paramétricos), discutindo-se *in loco* os mesmos.

Capítulo 5 – Aqui são apresentados as principais conclusões, limitações do trabalho e propostas para investigações futuras.

## CAPÍTULO 2 - REVISÃO DA LITERATURA

A grande maioria das ME nacionais é composta por um ou poucos mais sócios, tal como referido no trabalho da Informa D&B (2012).

A função de gerente está geralmente vinculada ao sócio, dando origem aos sócios-gerentes, uma vez que será a pessoa que irá estar encarregue da administração da sociedade. Pela leitura da definição no dicionário *online* da Porto Editora de gerente e gestor, não é clara a distinção entre os dois conceitos. Porque esta questão de semântica pode dar origem a ambiguidades, adota-se a definição do senso comum, ou seja, o gestor como sendo o profissional da área da gestão e o gerente aquele que dirige a empresa. Será sobre este último que o estudo incidirá uma vez que é este que tem a função de administrador.

Numa obra publicada por Litchfield (1956), acerca das teorias da administração, é apontado pelo autor que o processo administrativo é o ciclo de ações que incluem as seguintes atividades específicas: Tomar decisão, programar, comunicar, controlar e reavaliar.

Na medida em que este trabalho pretende focar-se na utilidade de uma fonte de informação (contabilística) como elemento de apoio a um dos processos administrativos - a tomada de decisão, considera-se pertinente dar maior enfoque a este processo, revendo alguma literatura sobre esta matéria.

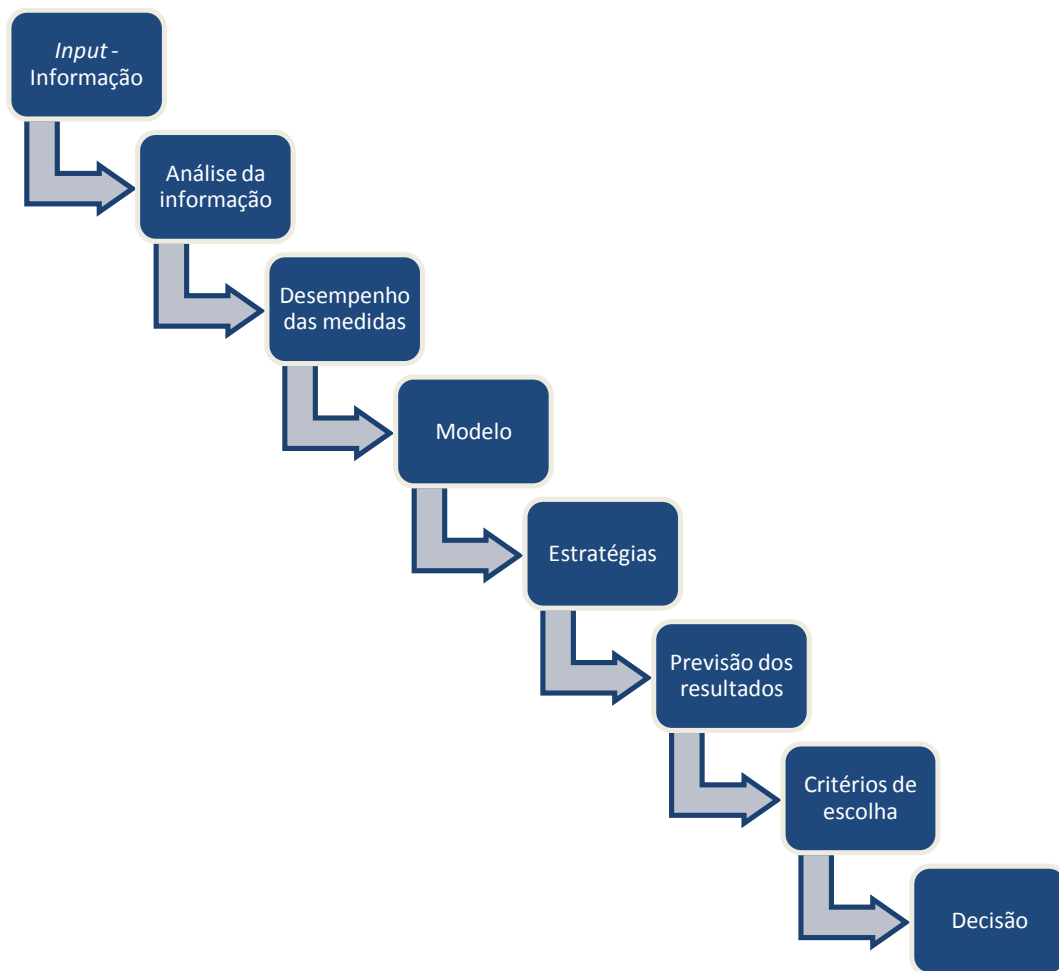
## **2.1 – O processo de tomada de decisões**

Tomar uma decisão faz parte do quotidiano de qualquer pessoa. Seja quando se entra numa loja de equipamentos de eletrónica e optamos pela televisão A ou B, ou seja quando se entra numa pastelaria e se faz a simples escolha entre um bolo ou outro. A escolha que é feita influencia o resultado, podendo ser ou não aquele que era desejado, por isso as decisões são um aspeto importante da vida.

No mundo empresarial, o processo de tomada de decisão pode tornar-se mais complexo, uma vez que pode estar em causa o sucesso da empresa. Esta tarefa cabe por norma ao gerente/administrador.

Na sua obra, Eilon (1969) procura explorar vários aspetos do processo de decisão. Apresenta-se na figura 2.1 as etapas que os decisores atravessam até chegar à resolução (decisão):

**Figura 2.1 - Processo de decisão**



Fonte: Eilon, 1969: B163.

A informação é fundamental pois é a partir deste *input* que se inicia todo o processo, sendo que deve ser feita uma análise a fim de determinar a validade do tipo de informação e triar as partes mais ou menos significantes. O desempenho das medidas permite avaliar se as medidas contingentes serão pertinentes para o processo. Sem as três primeiras etapas não seria possível construir um modelo adaptado à realidade, e sem a existência de um modelo que descreva o estado do sistema, que o decisor pretende controlar, nenhuma estratégia pode ser considerada.

A previsão de resultados deve corresponder ao conjunto das alternativas das estratégias, e o critério da escolha entre as alternativas deve ser adiado até que sejam listados todos os resultados esperados. O ato final, a decisão, deve ser específico ao critério de escolha. Surge aqui uma relação causa-efeito pois o critério de escolha pode ser determinado de forma racional ou irracional, ou seja, definido pela empresa ou pelo tomador de decisão. Se a tomada de decisão vai de encontro com os critérios impostos pela empresa, mas o decisor não concorda com a mesma, do ponto de vista da empresa a decisão foi perfeitamente racional porém na perspectiva do decisor foi irracional. Se ele decidir em conformidade com os seus critérios então ocorrerá a situação inversa. Tanto num caso como noutro, significa que existe um conflito entre a empresa e decisor. Em suma, se não se souber quais são as decisões mais importantes (Davenport, 2009), então não será possível priorizar melhorias.

No decorrer da atividade empresarial, as decisões que têm de ser tomadas surgem geralmente em dois planos distintos. Num primeiro plano estão as decisões estratégicas. Estas são por norma aplicadas numa perspectiva de longo prazo por estarem fortemente ligadas aos objetivos da empresa, visando a sustentabilidade e o crescimento da organização. Num plano inferior, mas em harmonia com o plano estratégico da empresa, estão as decisões operacionais. Estas relacionam-se com a atividade corrente da empresa, como tal aplicáveis numa base diária. Estas podem também chamar-se de decisões administrativas.

### **2.1.1 – Decisões estratégicas**

As decisões estratégicas serão talvez as mais difíceis de tomar, uma vez que estão associadas a maior risco e incerteza.

A tomada de decisões estratégicas tem sido um tema de grande interesse tanto nas áreas das teorias das organizações como de gestão estratégica (Dean e Sharfman, 1996; Fredrickson, 1986; Mintzberg *et al.*, 1976; Papadakis *et al.*, 1998).

O estudo de Dean e Sharfman (1996) observa se existe uma relação entre o processo de tomada de decisões estratégicas e a eficácia da decisão. A eficácia das decisões pode ser analisada com base em dois pressupostos. O primeiro assenta na ideia que diferentes processos levam a escolhas diferentes, o que quererá dizer que o processo de tomada de decisões estratégicas influencia as escolhas das organizações, no entanto as limitações dos fatores ambientais (situação económica de um cliente, comportamento dos concorrentes, etc.) devem ser tidas em conta uma vez que podem condicionar as escolhas dos decisores. O segundo pressuposto determina que escolhas diferentes originam resultados diferentes, ou seja, as escolhas não são todas igualmente boas. As conclusões do estudo manifestam a importância do processo de decisão e validam os dois pressupostos, circunscrevendo por um lado que os processos de decisões influenciam as escolhas estratégicas que os gerentes tomam, o que por sua vez afetam os resultados da empresa. Por outro lado, a instabilidade ambiental desempenha um papel importante, moderando os efeitos ambientais favoráveis na eficácia das decisões, isto é, o processo de decisão tem mais influência em relação aos fatores ambientais em ambientes estáveis do que em ambientes instáveis.

O estudo empírico de Martin (1971) evidencia claramente a relevância dos dados dos relatos contabilísticos anuais na área das decisões estratégicas, nomeadamente nas decisões de investimento. Esta ideia é reforçada pelo modelo de Zhang (2000) ao reconhecer que os dados da contabilidade contêm informação útil para guiar as decisões de investimento, sendo que este investimento constitui a base da criação de valor.

Por muito interesse que estudos, no caso em apreço, nas áreas do processo das decisões estratégicas, possam ter, os modelos assentam na sua grande maioria em doutrinas de origem norte americana, canadiana ou britânicas (Papadakis *et al.*, 1998) baseadas em ensaios realizados em grandes corporações com estruturas organizacionais verticais, onde fatores de centralização, formalização e complexidade dos processos são considerados determinantes para as decisões estratégicas (Fredrickson, 1986).

Atendendo a que a realidade da composição da estrutura empresarial portuguesa é de longe compatível com aquelas empresas, algumas teorias desenvolvidas dificilmente conseguem encaixar-se nas metodologias adotadas pelos dirigentes, uma vez que enfrentam realidades totalmente diferentes.

Nesse sentido, numa pesquisa de Papadakis *et al.* (1998) cujo objeto de estudo incidia nas decisões estratégicas dos *Chief Executive Officers* de empresas do setor produtivo na Grécia, algumas das conclusões revelaram “especificidades culturais”. As empresas do setor privado grego têm menos regras formais e processos de decisões menos abrangentes quando comparados com os seus homólogos dos Estados Unidos ou do Reino Unido. Os responsáveis gregos abordam cada decisão estratégica como se fosse única e assim

reagem de uma forma mais “emocional”. Nas empresas norte americanas ou britânicas, com uma cultura que impõe mais regras formais e procedimentos para as decisões estratégicas, os processos de decisão acabam por serem conduzidos de forma similar. O que não quer dizer que alguns aspetos do conceito multidimensional do processo de tomada de decisão, em diferentes contextos e culturas não possam ter aplicabilidade.

### **2.1.2 – Decisões operacionais**

Uma decisão operacional ou administrativa é o processo através do qual as escolhas feitas por alguém influenciam a atitude de outros pertencentes à organização, que através do seu contributo concretizam os objetivos da mesma (Lundberg, 1962).

As decisões operacionais estão presentes no quotidiano das empresas e são tomadas à medida que os dilemas vão surgindo. No entanto estas decisões devem ir no seguimento das decisões estratégicas, seguindo a hierarquização das decisões tal como apontado por Zaccarelli (1983), numa ilustração do modelo tradicional:

**Figura 2.2** - Modelo tradicional de hierarquização de decisões



Fonte: Zaccaralli, 1983: 19.

Este modelo é adaptado do modelo de tomada de decisão de Simon (1977). Existem atualmente modelos mais contemporâneos e abrangentes, mas para o estudo em concreto,

o fluxo de decisão apresentado é suficientemente representativo para compreender o seu funcionamento.

Numa tentativa de complementar a hierarquização do processo decisório, Zaccarelli (1983) acrescenta que as decisões operacionais resumem-se ao “aqui” e o “agora”, limitando-se a aspetos como o *timing*, a prioridade, a alocação dos recursos (com quem e com o quê) e outros detalhes do género. Em suma, o contacto com a realidade ocorre no plano operacional e é nessa perspetiva que ocorrem as decisões operacionais, o que não é verdade num nível de decisão superior uma vez que estes assentam em modelos da realidade e não na realidade em si.

### **2.1.3 – Fatores com influência nas decisões**

Num contexto económico cada vez mais complexo e sujeito a constantes oscilações, os responsáveis devem estar informados de qualquer fator que possa alterar o desfecho de uma decisão. Estes fatores podem ser de ordem política, demográfica, social, ambiental, emocional etc. É bastante evidente que quem toma as decisões é um ser humano, provido de sentimentos e emoções. Como tal, a influência de um fator com uma relação intrínseca ou extrínseca ao indivíduo, tem um efeito direto no seu comportamento. Embora a área comportamental seja uma matéria mais ligada à psicologia, existem alguns estudos que demonstram os efeitos de fatores extra ou intra-indivíduo a nível organizacional.

Um dos principais fatores que sobressai quando se aborda este assunto é a influência da idade e da experiência dos responsáveis, no processo de decisão. Os resultados de Taylor (1975) apontam claras evidências da existência da influência da idade/experiência entre

gestores mais jovens e mais velhos. Os mais velhos demoram mais a tomar uma decisão, não porque sejam mais lentos a processar a informação, mas devido à influência dos anos de experiência que os levam a procurar uma maior quantidade de informação. A experiência favorece também os mais velhos proporcionando-lhes a capacidade de diagnosticar mais depressa o valor da informação.

Conclui um estudo sobre PME Portuguesas, que a própria idade da empresa é uma determinante nas decisões de financiamento (Serrasqueiro e Nunes, 2012). Tal deve-se principalmente ao facto das jovens empresas terem maior dificuldade a fontes de financiamento de longo prazo. O efeito da reputação, da credibilidade e do nível de ativos fixos tangíveis que resultam de uma empresa com mais anos, facilita o acesso ao financiamento de longo prazo.

Inúmeros fatores influenciam a tomada de decisão, veja-se por exemplo, ao nível da empresa a utilização de um estilo orçamental mais flexível tende a reduzir tomadas de decisões disfuncionais (Hopwood, 1972), a nível financeiro observa-se no trabalho de Branch (1978) que decisões operacionais causam impacto na dinâmica do *Return on Investment*. Em contextos específicos, medidas políticas e institucionais podem debilitar a eficácia das decisões (Guler, 2007) e abordagens mais recentes revelam a importância da estratégia do conhecimento (*Knowledge Strategy*) nas decisões estratégicas das empresas, funcionando como elo entre as decisões e o sistema de gestão de conhecimentos (Kasten, 2007).

A referência a estes estudos revela a existência de fortes evidências que as decisões não são tomadas nas organizações de forma discricionária e que determinados fatores, em

determinados contextos, exercem influência, mais ou menos preponderantes, nas decisões tomadas pelos responsáveis.

## **2.2 – A informação contabilística nas decisões**

Existem três questões que se impõem antes de ser tomada uma decisão. Qual o problema? Quais as alternativas? Qual é a melhor alternativa? A nível empresarial, a contabilidade surge no contexto do processo de tomada de decisões com a função de fornecer dados e informações que, em determinada altura, serão necessários para a resolução dos problemas (Davidson e Trueblood, 1961).

A contabilidade no processo de tomada de decisão apresenta duas características fundamentais no âmbito do sistema de informação das empresas. Estas características verificam-se aprofundando duas das questões anteriormente referidas:

- Qual é a melhor alternativa? Para uma dada decisão, que informação é necessária para tomar essa decisão?
  
- Qual o problema? Para determinada empresa e respetivos objetivos, que informação é necessária para a decisão pretendida?

Segundo Davidson e Trueblood (1961), estas duas questões relacionam-se com decisões de gestão, sendo que a primeira prende-se com decisões de rotina ou operacionais e a segunda com decisões estratégicas.

No apoio ao processo de tomada de decisões operacionais, a informação da contabilidade pode revelar-se ineficiente quando algumas das seguintes situações ocorrem:

- Excesso de informação;
- Falta de informação;
- Problemas na oportunidade da informação. Neste caso, o que pode ocorrer é que a informação seja entregue tarde demais ou com menos frequência que o necessário, ou então a informação possuir conteúdos demasiados simples, uma vez que é preparada de forma rotineira.

Assim, no aspeto qualitativo, quem prepara e fornece a informação contabilística deve ter atenção a qualquer um dos problemas acima referidos.

A informação contabilística tem influência em muitas decisões, mas pouco se sabe sobre em que aspetos do processo de tomada de decisão é que a influência é exercida. Num estudo sobre relações entre a contabilidade e processo de tomada de decisão, Culpepper (1970) afirma que a política contabilística adotada (e.g.: Custo Histórico ou Justo Valor) influencia significativamente o *output* da decisão, pois, os métodos contabilísticos proporcionam a estrutura para o ambiente do decisor, meios para expressar objetivos e avaliar o alcance desses mesmos objetivos.

Apesar de não ser possível prever o verdadeiro efeito que os sistemas ou informação contabilística terão nas decisões, Bruns (1968: 469) escreve as seguintes afirmações,

*“Se a informação contabilística não é considerada relevante para o tomador de decisão, para uma decisão em consideração, uma alteração na informação contabilística não irá afetar a sua decisão;*

*A noção de informação contabilística detida pelo tomador de decisão— a sua opinião sobre o quão bem o contabilista e sistema da contabilidade medem atributos significantes e características de fatores que afetam e foram afetados por uma decisão—irá afetar o peso dado à informação contabilística no processo de decisão, quando outra informação está disponível;*

*A disponibilidade de outra informação será uma importante determinante no peso atribuído pelo tomador de decisão à informação contabilística no processo de decisão”.*

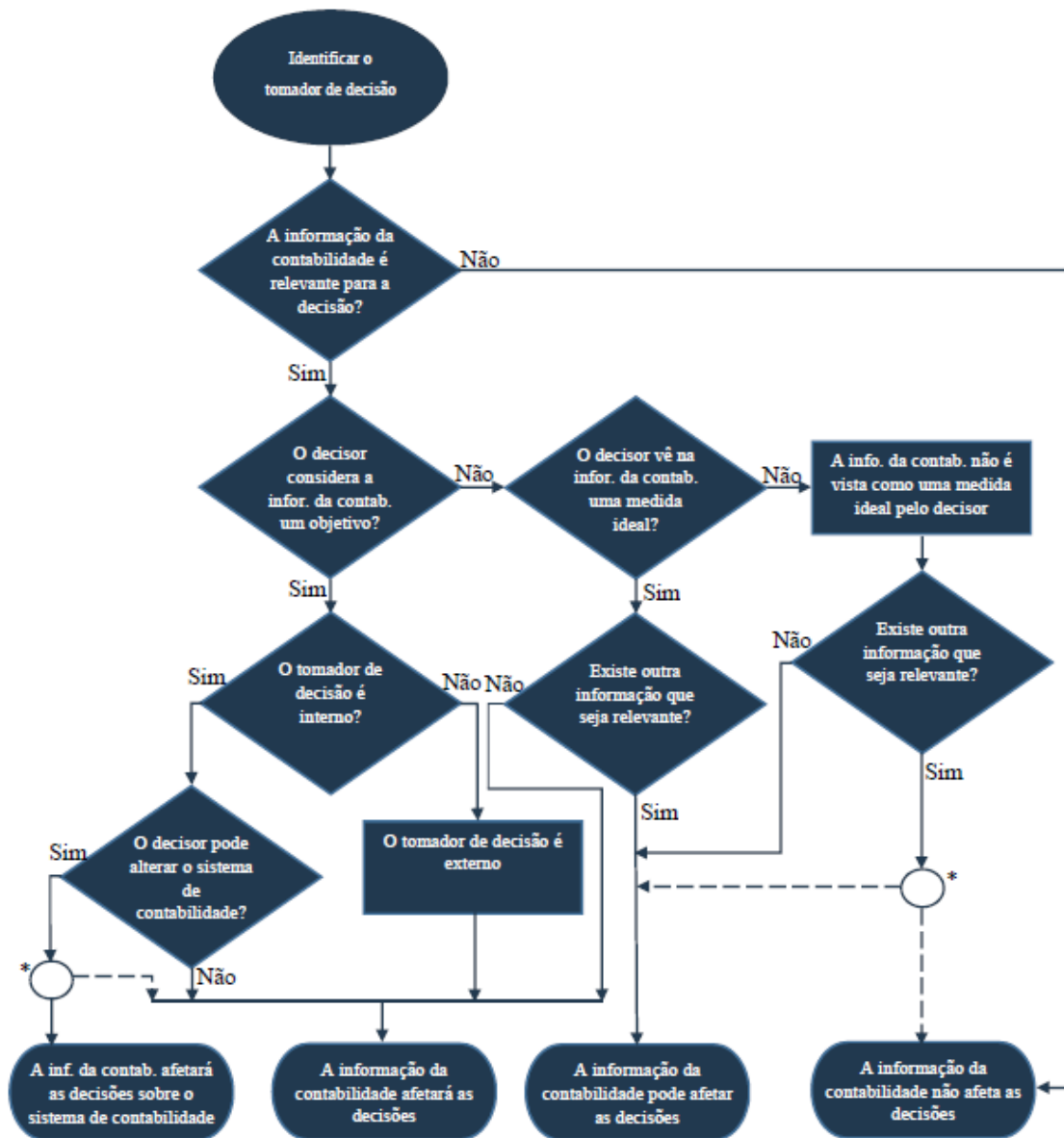
Se a informação contabilística afeta as decisões será certamente pelas regras de decisão que relacionam os *inputs* às decisões, o que incluiu a informação contabilística. Neste preceito, entender-se-á por regras de decisão o conjunto de ações a ser tomado, a partir de um conjunto de condições.

Existem evidências doutrinárias que afirmam que a informação contabilística tem a sua utilidade nas organizações. No entanto é crível que a contabilidade seja vista de forma diferente por diferentes participantes das organizações, o que pode influenciar o impacto da informação contabilística nos comportamentos. Sobre a matéria de concepção, Gynther (1967) explica que cada um de nós vê o mundo de forma diferente dos outros o que gera todo um conjunto de possibilidades de percepções. Cada indivíduo é influenciado pelos mais diversos grupos a que pertence. Quer seja geográfico, religioso, educacional ou sócio-económico, os grupos onde o indivíduo se insere propiciam a essa pessoa determinados padrões de condutas, e essas atitudes refletem-se no seu comportamento no seio das organizações. Neste aspeto, um fator a ter em conta é o próprio processo contabilístico. Embora os procedimentos estejam explicitamente definidos em normativos, erros e omissões nos processos de reconhecimento, mensuração e divulgação podem ocorrer. Esta noção pode gerar uma margem de descrença, que pode acabar por

afetar a forma como é vista a informação contabilística no processo de decisão. É neste momento que o decisor assume um papel importante decidindo quais serão os *inputs* relevantes para as decisões que devem ser tomadas e qual o peso a atribuir à informação contabilística, sendo que qualquer peso acima de zero implica que as decisões são afetadas pela informação contabilística.

Bruns (1968) propõe um modelo (figura 2.3) que pretende analisar os efeitos da informação contabilística nas decisões. O modelo segue o princípio que existem três tipos de decisores. O primeiro está envolvido na gestão e é responsável pela preparação e apresentação dos relatos financeiros, e como tal, tendo o poder de decidir sobre as políticas contabilísticas a utilizar, ele tem controlo sobre o sistema de contabilidade que por sua vez tem influência nas decisões. O segundo, não exerce influência na contabilidade diretamente, mas exerce através das decisões que toma sobre a atividade, e assim influencia a informação contabilística. O terceiro grupo são decisores externos à empresa, nomeadamente investidores ou financiadores, para quem normalmente se destina a informação contabilística. A este grupo também pertence o Estado que procura uma base para tributar, regular e fiscalizar. As decisões deste grupo afetam a empresa e suas operações, e na medida que a informação contabilística é utilizada nos seus processos de decisões, também as decisões da empresa podem ser afetadas.

**Figura 2.3 - A informação contabilística e decisões**



\* As linhas a tracejado indicam que os efeitos dependem das regras de decisão escolhidas

Fonte: Bruns, 1968: 476.

A confiança nos valores da contabilidade está relacionada com o grau de objetividade da informação e o fator de enviesamento do decisor (Ijiri e Jaedicke, 1966). O preparador da contabilidade deve cooperar ao máximo com o utilizador da informação contabilística de forma a proporcionar dados contabilísticos que sejam úteis ao processo de decisão. Para isso, o preparador deve encarregar-se de desenvolver medidas que irão produzir os dados contabilísticos e que suportam as previsões ideais para as variáveis decisórias. Quem

prepara a contabilidade deve também tentar educar os utilizadores da informação contabilística, para que haja uma harmonia entre os dados contabilísticos e o processo de decisão. Se tal suceder, os fatores de enviesamentos dos decisores tenderá a diminuir e o grau de confiança nos dados contabilísticos tenderá a aumentar. Assim, cada vez mais, o responsável pela contabilidade deve compreender e estar consciente das motivações sociais e psicológicas bem como das limitações dos participantes das organizações (Caplan, 1966). Segundo Nandan (2010) os executivos das PME acreditam que os Técnicos Oficiais de Contas<sup>2</sup> (TOC) só conhecem as empresas de uma forma geral, vendo apenas os problemas de forma ampla. Os TOC devem estar cientes da natureza do negócio dos seus clientes e para estarem a par das complexidades contextuais de cada um, devem conhecer e aplicar técnicas de contabilidade de gestão mais modernas como o *balanced scorecard*, *activity-based costing*, etc.

Embora não se saiba quantificar o impacto da informação contabilística no processo de tomada de decisões, quando comparada com outras fontes de informação (*e.g.*: meios de comunicação), os utilizadores classificam a importância da informação contabilística numa posição cimeira (Atrill e McLaney, 2010).

---

<sup>2</sup> Salvo melhor opinião, apesar de não corresponder ao mesmo conceito utilizado na literatura anglo-saxónica, é a melhor tradução.

## **2.3 – A Contabilidade e a sua utilidade para a Gestão**

### **2.3.1 – Aspetos teóricos**

Uma importante característica de uma boa prática de gestão é a capacidade de avaliar as mudanças do passado, reagir às atuais mudanças e prever as futuras mudanças. Esta visão é consistente com a perspetiva de que gerir é essencialmente um processo de tomada de decisão e a que a contabilidade é um sistema de informação que age com uma parte integrante desse processo de tomada de decisão (Caplan, 1966).

A premissa de que a contabilidade é uma ferramenta de gestão tem sido geralmente aceite no meio organizacional. No entanto, existiam causas que evidenciavam alguma falta de apoio à gestão, o que era idealmente atribuído à contabilidade (Coleman, 1949). Uma das causas apontadas era a falta uniformização dos procedimentos contabilísticos. A nível nacional, desde a adoção do Plano Oficial de Contabilidade (POC) em 1978 os procedimentos ficaram tendencialmente normalizados. Atualmente esse aspeto parece estar ultrapassado numa escala europeia, pois com introdução do Sistema de Normalização Contabilística (SNC) em 2010 (e revogação do POC), estabeleceu-se uma harmonização com as diretivas e regulamentos em matérias contabilísticas entre os diversos países da União Europeia (UE), estando em sintonia com as normas internacionais de contabilidade.

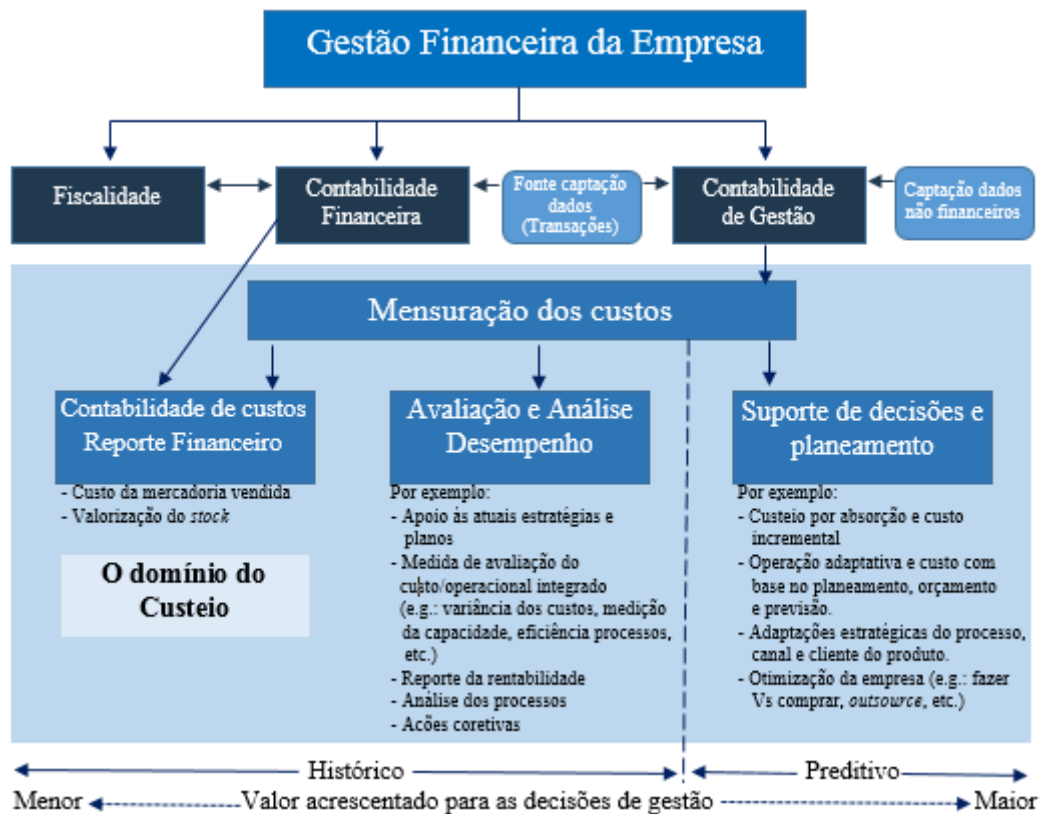
Outra causa apontada por Coleman (1949) consistia na falta de terminologias comumente compreensíveis em demonstrações financeiras. O uso de expressões sobejamente técnicas e de sobremaneira complexas podem ser facilmente compreendidas por profissionais da

área, mas quando interpretadas por outro utente da informação como um gerente, sócio, funcionário ou público em geral, as terminologias podem revelar-se confusas. Torna-se importante gerar uma apresentação mais amigável do utilizador, sob a forma de rácios, esquemas, gráficos, tabelas e respetivas narrativas, criando assim uma maior aptidão financeira dos utentes (Marriott e Marriott, 2000).

O estudo de Ohlson (1972) procurou determinar de forma empírica se os investidores atuam de acordo com a informação fornecida pelos relatos anuais e se investidores utilizam esta informação quando realizam as suas decisões de investimentos. Os resultados obtidos indicaram que os dados contabilísticos geram informação relevante para as decisões ao ponto de fazer alguma diferença.

A informação contabilística é gerada por dois principais sub sistemas da contabilidade, a contabilidade de gestão e financeira, e cada uma exerce o seu papel nas decisões. A figura seguinte expõe a inter-relação entre os vários ramos da contabilidade, que no seu conjunto perfazem o sistema de informação contabilístico de uma entidade.

**Figura 2.4 - Mensuração dos custos**



Fonte: *International Federation of Accountants* (Adaptado)

A contabilidade de gestão pretende facultar informação aos gestores, procurando auxiliar na melhoria da eficiência da utilização dos recursos. A contabilidade de gestão tende a ser organizada de forma a produzir a informação estritamente necessária para o gestor, sendo uma ferramenta mais flexível uma vez que não está sujeita a normas ou regulamentos. Da afirmação sugerida pela literatura mais comum, que a contabilidade de gestão é um sistema de informação útil para facilitar as decisões operacionais bem como para avaliar e controlar os gestores e trabalhadores subordinados, Kanodia (1982) acrescenta que é importante entender que existem diferenças fundamentais entre os dois tipos de informação. Tendo em conta que a função de avaliar e controlar as pessoas constitui um claro incentivo, o autor considera que em vez de ser um “facilitador das decisões”, a informação da contabilidade de gestão é um “influenciador das decisões”.

Ao passo que a contabilidade de gestão serve as necessidades de informação do gestor, a informação que provém da contabilidade financeira servirá para suprir as necessidades também de todos os restantes utilizadores (*Vide* figura 2.5).

**Figura 2.5** - Utilizadores da informação financeira



Fonte: Elaboração própria

Por ser uma informação que assentava essencialmente no princípio do custo histórico, ou seja no passado, contribuiu para que a sua relevância para o investidor, no âmbito de avaliação da empresa, tenha vindo a decrescer no final do último século (Francis e Schipper, 1999).

A adoção do SNC em Portugal, incorporando as grandes orientações das normas internacionais de contabilidade, designadamente no que concerne às bases de mensuração como o custo corrente, valor realizável, valor presente ou justo valor, permitirá

proporcionar uma informação financeira mais próxima dos valores de mercado das empresas.

É inegável que os responsáveis das empresas, através do controlo que têm sobre as mesmas e as influências que exercem durante o processo de gestão, afetam os resultados das demonstrações financeiras. Assim, os restantes utilizadores devem confiar na informação que lhes é facultada, o que nem sempre pode evidenciar a real situação financeira da empresa (Atrill e McInaney, 2010). Veja-se por exemplo o flagrante caso da Enron. Este caso insere-se no conjunto de muitos outros onde o desejo de apresentar determinados resultados, ou de obter benefícios, conduziu à manipulação das demonstrações financeiras (Hake, 2005). Consequentemente, tais episódios levam a que a utilidade da informação financeira possa ser posta em causa, perdendo alguma ou mesmo toda a credibilidade. Este assunto tem levado a debate temas relacionados com a ética e a contabilidade criativa. A micro-manipulação e a macro-manipulação são dois níveis de contabilidade criativa que visam preparar as demonstrações financeiras de forma a servir os propósitos dos interessados (Gowthorpe e Amat, 2005). Neste contexto, entidades como o *International Accounting Standards Board (IASB)*, Comissão de Normalização Contabilística, bem como as próprias ordens profissionais (Ordem dos Revisores de Contas, Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas - OTOC), devem exercer um papel preponderante, cabendo ao IASB a promoção da utilização e aplicação rigorosa das normas contabilísticas e financeiras, e aos restantes o controlo e supervisão do cumprimento das mesmas.

### **2.3.2 – Contabilidade das pequenas empresas e os custos de contexto**

A importância das PME no contexto económico é um facto atualmente reconhecido e os números divulgados nos relatórios do Banco de Portugal e INE são prova disso. Contudo, quando se atravessa um período de recessão económica, os primeiros a sentirem dificuldades são “os mais pequenos”, dado aos seus escassos recursos e acessos ao crédito limitados.

A literatura apresentada neste trabalho releva a importância da informação contabilística para as empresas, mas quando se discute sobre a sua sobrevivência, certas opções financeiras devem ser tomadas. Nestas situações, o corte das despesas com a contabilidade pode ser um ajustamento necessário, ao ponto deste serviço ser considerado um custo desnecessário.

Sobre os encargos associados à contabilidade têm surgido muitas referências do *burden* (carga) da contabilidade nas PME. O estudo de Keasey e Short (1990) sobre a carga da contabilidade nas pequenas empresas revela que existe uma relativa tendência no sentido de considerar as contas anuais um fardo na perspetiva de custo, tempo e esforço, sendo que os resultados obtidos não apontam evidências de serem influenciados por quaisquer dos fatores explorados (dimensão da empresa, uso de computadores na preparação das contas anuais, idade da empresa, etc.). As empresas de maior dimensão (em termos de VN e trabalhadores) valorizam a utilidade da informação para além da produzida por exigência legal. Entre as empresas mais pequenas não parecem existir fatores específicos que as levem a considerar que os requisitos contabilísticos sejam um fardo.

O “*Think small first*” foi um princípio recentemente adotado pela CE (2008). Com início em 2008, o *Small Business Act for Europe* propõe implementar políticas para isentar ou minimizar o peso da legislação que incide sobre as PME e sobretudo das ME visando reduzir a carga dos regulamentos (CE, 2011). A nível contabilístico a Comissão tem tomado medidas no sentido de dispensar as ME de determinados requisitos legais.

A proposta de emenda à 4ª diretiva (CE, 2009) apontava a contabilidade e auditoria como sendo áreas chaves onde se podia reduzir a carga administrativa das empresas europeias. Como tal, a proposta passava, entre outras medidas, por eliminar a exigência de preparar contas anuais às ME. Tendo sido aprovada a nova diretiva em junho de 2013 (CE, 2013), denominada Diretiva 2013/34/UE, verifica-se na nova redação que existe uma intenção de flexibilizar os requisitos aplicáveis às pequenas empresas em toda a UE. Correia (2013) constatou que a ambicionada harmonização no espaço europeu não existirá, pelo menos para as pequenas empresas. Contrariamente à intenção da proposta inicial, no que se refere às pequenas entidades, a Diretiva apenas impõe aos Estados membros um limite em termos de exigências de divulgações e de complexidade de balanço e demonstração dos resultados.

As pequenas empresas encontram-se naturalmente limitadas no acesso a muitas das fontes de informação. Sendo que a informação contabilística é um dado adquirido, deveria com certeza ser aproveitada por parte dos gerentes das empresas. Parece existir uma dicotomia quanto à atribuição da importância do custo da contabilidade nas pequenas empresas, onde por um lado se vê as instituições europeias a tentar facilitar-lhes a vida por via da redução das obrigações contabilísticas, mas por outro lado existem os estudos empíricos

a apontarem para importância da contabilidade para este tipo de empresas, que se apresentam no ponto seguinte.

## **2.4 – Estudos empíricos**

Para que exista algum suporte nos resultados obtidos na fase do estudo empírico, é importante que os dados possam ter algum termo de comparação com os resultados de outros estudos realizados. Como tal, foram pesquisados estudos que tivessem alguma relação com o presente trabalho.

Um estudo realizado por İbicioğlu *et al.* (2010), através de um questionário e respetiva análise estatística dos resultados, teve como objetivo examinar a utilização das demonstrações financeiras durante o processo de decisão em PME, sediadas em diferentes países. Foram inquiridas 71 empresas turcas e 60 empresas de diferentes países como a Alemanha, Áustria, Suécia, França, Itália, Grécia, Suíça e Reino-Unido. As principais conclusões do estudo revelam que os gestores consideram que a experiência é o fator mais importante no processo de tomada de decisão e as demonstrações financeiras são uma ferramenta útil para gerir a empresa, servindo para esclarecer algumas questões durante o processo de decisão. As demonstrações financeiras são vistas também como forma de prever uma eventual crise financeira e liquidação da empresa.

O estudo de Alves (2008) teve como tema a Contabilidade nas decisões de Gestão dos dirigentes portugueses. A abrangência geográfica sugerida pelo título parece um pouco otimista, tendo em conta que o estudo empírico baseou-se na entrevista de 17 dirigentes da área financeira, produtiva e comercial de 6 grandes empresas industriais. Do estudo,

foi concluído que a informação contabilística é importante e é utilizada na maioria das decisões dos dirigentes das áreas em causa, no entanto, não foram encontradas diferenças entre as decisões estratégicas e de rotina.

Okoh e Uzoka (2012) realizaram uma investigação sobre o papel da informação contabilística na sobrevivência das pequenas empresas na Nigéria. O resultado dos testes estatísticos realizados, com base nas respostas ao questionário de 20 pequenas empresas, indica que existe uma relevante relação entre a informação contabilística e a sobrevivência das empresas. Num país em que a cultura contabilística é muito pobre, onde a maioria das pequenas empresas não adotam um sistema contabilístico e nem têm registos contabilísticos devido à falta de conhecimentos, o não cumprimento das normas contabilísticas nos relatos financeiros é sinónimo de fracasso.

No trabalho realizado por Lucena *et al.* (2011), cujo objetivo principal pretendeu identificar quais as informações contabilísticas utilizadas no processo de tomada de decisão por parte dos gestores das pequenas e microempresas de uma localidade brasileira, efetuaram uma análise estatística dos resultados obtidos através de um inquérito realizado a uma amostra composta por 30 empresas. Os resultados apontam que as empresas são influenciadas pelo uso dos relatórios contabilísticos, mas existe dificuldade de comunicação da informação ficando a mesma retida nas mãos do responsável, por não lhe ser fácil comunicar a informação através da *internet*. É verificada a necessidade de existir uma melhor gestão da informação contabilística para a tomada de decisão.

Nunes e Serrasqueiro (2004) realizaram um estudo com o objetivo averiguar o grau de importância atribuída pelos empresários/gestores de pequenas empresas à informação contabilística na tomada de decisões estratégicas (investimentos, financiamentos e distribuição de dividendos) e decisões operacionais, e se para essas decisões existem diferenças entre as empresas cuja contabilidade é preparada interna ou externamente, na importância atribuída à informação contabilística. O estudo incidiu em empresas do distrito de Castelo Branco, tendo sido obtidas 66 respostas dos inquéritos enviados via correio. Os autores concluíram que os empresários/gestores das pequenas empresas atribuem bastante importância à informação contabilística nas decisões estratégicas e operacionais, sendo que dão maior importância à informação contabilística nas decisões de investimentos e operacionais. Quando a contabilidade é preparada na própria empresa é atribuída uma maior importância à informação contabilística em ambos os tipos de decisões. O nível de formação dos empresários das empresas cuja contabilidade é preparada externamente é o ensino básico e secundário, indicando uma eventual dificuldade em analisar as demonstrações financeiras, desconsiderando a informação contabilística nas suas decisões.

## **CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para conduzir o presente estudo é apresentada neste ponto e contempla o universo e amostra, hipóteses e objetivos de investigação, instrumento de recolha de dados (inquérito) e métodos estatísticos utilizados.

### **3.1 – Universo e amostra**

Como referido anteriormente, o universo do estudo é composto pelas ME sob a forma jurídica de sociedade e com atividade não financeira nem seguradora, cuja sede se situa em Portugal continental.

Do ponto vista jurídico, as ME englobam quer empresas individuais, quer sociedades. Apenas se consideraram as entidades constituídas sob a forma de sociedades, devido às limitações de acesso à informação relativa aos empresários em nome individual<sup>3</sup>, disponível nas bases de dados e ao facto destes estarem dispensados do registo da prestação de contas.

A razão de tal opção fundamenta-se no definido na legislação. Ou seja, de acordo com o Decreto-Lei 158/2009 todas as sociedades têm de preparar e apresentar as demonstrações financeiras de acordo com um determinado referencial contabilístico. O enquadramento contabilístico a que as entidades estão sujeitas depende de um conjunto de elementos caracterizadores. Estas características podem obrigar a referenciais contabilísticos mais

---

<sup>3</sup> Pela lei 67/98 que institui a Lei da proteção de dados pessoais, toda a informação acerca de dados pessoais não pode ser fornecida, pelo que os dados sobre empresas individuais são excluídos de qualquer base de dados.

exigentes, ou alternativamente permitir a opção por referenciais contabilísticos menos exigentes. Já no que concerne às empresas individuais o referido decreto, atendendo a determinados requisitos (pessoas que a título individual exercem uma atividade comercial, industrial ou agrícola que nos 3 anos não tenham obtido uma média de VN superior a 150.000<sup>4</sup> euros), dispensa essas empresas de preparar e apresentar as demonstrações financeiras de acordo com um determinado referencial contabilístico. Assim as empresas individuais foram retiradas do âmbito do estudo pois, para além do acesso a estas ser mais restrito, nem todas são obrigadas a aplicar um determinado referencial contabilístico.

A opção de excluir as entidades financeiras e seguradoras fundamenta-se pela obrigatoriedade deste tipo de entidades aplicarem normativos contabilísticos próprios e distintos dos aplicáveis à generalidade das sociedades.

Apenas por uma questão de delimitação do universo, excluiu-se as entidades cuja sede social não se situava em Portugal continental. Para o efeito atendeu-se à classificação definida nas Unidades Territoriais Estatísticas de Portugal (NUTS), que designam as sub-regiões estatísticas em que se divide o território português, de acordo com o Regulamento (CE) n.º 1059/2003 do Parlamento Europeu e do Conselho de 26 de Maio de 2003, que instituiu a NUTS. Assim, as sub-regiões estatísticas de Portugal dividem-se em três níveis - NUTS I, NUTS II e NUTS III, correspondendo a NUTS I a Portugal Continental e Regiões Autónomas. Nesse sentido, apenas se consideraram as empresas cuja sede social se localiza na NUTS II Portugal continental-Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve.

---

<sup>4</sup> Valor em vigor à data do estudo.

Atendendo a que “opinião em causa própria” pode ser eticamente questionável, também se excluiu do universo as empresas cuja classificação portuguesa das atividades económicas (CAE) corresponde-se ao código 69200 - Atividades de contabilidade, auditoria e consultoria fiscal.

Em observância às opções tomadas e pelas razões já referidas, não sendo possível quantificar o número de ME sediadas nas ilhas bem como as que exercem atividade de CAE 69200 considera-se que o universo é composto por 254.764 entidades que é o número de ME existentes sob a forma de sociedade não financeira em 2011 segundo o perfil das sociedades divulgado pelo INE (2013).

Foi possível aceder a uma base da *link B2B CRM*, com 75.486 contactos de empresas<sup>5</sup>. Após filtrada com os critérios acima referidos, que conduziu a que fossem retiradas as instituições públicas e municipais, associações, federações, fundações, instituições financeiras e de seguros, instituições religiosas, clubes e ordens profissionais, as empresas sediadas nas ilhas e as empresas com a CAE 69200, no final, resultou uma lista de 65.893 empresas a serem contactadas, que representam assim a população em estudo.

Dos inquéritos enviados obtiveram-se 789 respostas, sendo que 609 constituem a amostra do estudo. O inquérito foi dirigido aos gerentes/administradores, na qualidade de responsável e decisor da empresa. Como as respostas foram de natureza voluntária, por não se conhecer a probabilidade de um elemento da população “auto-selecionar-se” para participar, conduz a que a amostra não seja probabilística.

---

<sup>5</sup> Disponibilizada por cortesia do proprietário.

Uma amostra não probabilística na sua essência apresenta algumas limitações, contudo é de salientar que o questionário foi enviado para todas as empresas cujo contacto constava da base de dados, e que correspondiam aos critérios definidos, e anteriormente fundamentados, não tendo havido nenhum critério de seleção subjetivo da parte do investigador.

Embora se tenha alcançado o número aceitável de respostas, torna-se no entanto mais relevante pugnar pela representatividade da amostra. Esta está limitada a alguns critérios, o que no caso em concreto não se consegue satisfazer plenamente. Atendendo a que a amostra não é aleatória e que a taxa de resposta é reduzida, representando cerca de 0,24%<sup>6</sup> das ME face ao universo da pesquisa e praticamente 1%<sup>7</sup> face a população em estudo, seria imprudente clamar por uma amostra significativamente representativa. Contudo, existem algumas fatores que evidenciam alguns traços de representatividade da amostra, nomeadamente a heterogeneidade da mesma e a representatividade dos indivíduos como elementos da população alcançada a nível regional e superficialmente a nível setorial, tal como se poderá verificar na apresentação da amostra.

Considerando estes fatores bem como na quantidade de respostas válidas existentes quando comparado com outros estudos realizados nesta área, é de acreditar que com base nos resultados alcançados, apesar de não ser admissível uma inferência estatística, a relevância da informação obtida possibilita a sustentabilidade das observações, permitindo gerar conclusões para a amostra com um grau de confiança aceitável.

---

<sup>6</sup>  $609 \div 254.764$ .

<sup>7</sup>  $609 \div 65.893$ .

### 3.2 – Objetivos e hipóteses de investigação

Considera-se que os gerentes/administradores são, por norma, os decisores. Do ponto de vista da investigação serão estes os inquiridos, admitindo-se que a sua opinião reflete os objetivos e as práticas correntes das suas empresas. Recorreu-se a métodos de análises que permitam, de alguma forma, produzir inferências sobre o tema do estudo, que visa definir se as ME utilizam a informação contabilística e se esta tem utilidade para as tomadas de decisão.

Colocada a questão principal do estudo, em consonância com o elencado no capítulo I, definem-se os seguintes objetivos e hipóteses:

1. Determinar se a informação contabilística é um recurso da maioria das empresas e que fatores influenciam a sua utilização.

Serão analisados três fatores eventualmente explicativos e que se discriminam nos pontos seguintes.

- Variáveis estruturais da empresa tais como região, setor de atividade, forma jurídica e longevidade da empresa.
- Perfil do gerente/administrador, utilizando como *proxies* o género, idade, habilitações, área de formação e anos de experiência.
- Estrutura económica e financeira que inclui dados sobre o VN, número de trabalhadores, total do ativo, resultado líquido do período (RLP), capital próprio,

*return on asset (ROA), return on equity (ROE), liquidez geral, endividamento e solvabilidade.*

No sentido de testar os fatores acima referidos, formula-se a seguinte hipótese de investigação:

H1- As variáveis estruturais, o perfil do gerente e estrutura económica e financeira são relevantes para utilizar ou não a informação contabilística.

2. Determinar se os fatores acima referidos também influenciam a opinião dos gerentes/administradores sobre diversos aspetos da utilidade da informação contabilística.

Neste sentido formula-se a seguinte hipótese de investigação:

H2- As variáveis estruturais, o perfil do gerente e estrutura económica e financeira são relevantes para a opinião sobre a utilidade da contabilidade.

No âmbito da hipótese 2, analisa-se não só a opinião dos utilizadores sobre a utilidade como também a dos não utilizadores no sentido de determinar as suas razões.

3. Analisar alguns aspetos gerais relacionados com a contabilidade.
4. Observar até que ponto as empresas qualificam a contabilidade como um custo, ou alternativamente como uma mais-valia.

### **3.3 – Instrumento de recolha de dados - inquérito**

Os inquéritos são uma técnica utilizada com o intuito de aferir o sentimento subjetivo do público de forma a ficar a conhecer algo sobre uma população, no entanto, o recurso a esta técnica deve ocorrer quando não existe outra forma de obter a informação desejada (Fowler, 2009).

O recurso a este tipo de instrumento deve ser validado antes da sua aplicação generalizada. Nesse sentido, procedeu-se ao envio de cerca de 10 convites de participação para o preenchimento da versão preliminar do inquérito a empresas pré-selecionadas, a fim de se identificar problemas nas perguntas que justificassem uma modificação da redação ou alteração do formato. O pré-teste validou a clareza e compreensibilidade das questões, dando viabilidade para o envio do questionário na versão final.

#### **3.3.1 – Estrutura e conteúdo**

Para a concretização do presente estudo foi essencial a recolha de informação que proviesse diretamente dos que lidam com as decisões diárias das empresas, e este tipo de dados, sob uma forma que respondesse às questões da investigação, não estão presentes noutras fontes.

Com o recurso aos meios tecnológicos existentes, a forma mais formal, menos dispendiosa e mais célere de estabelecer um contacto com os responsáveis das empresas é através da *World Wide Web* (Schmidt, 1997). Estudos como o de Couper (2000) aludem

às potencialidades dos inquéritos com o recurso à *internet*, contudo muito existe por explorar no que diz respeito às formas de melhorar as taxas de respostas.

Quando utilizado o processo de envio por correio postal ou correio eletrónico, as taxas de respostas aos inquéritos obtidas por cada um dos métodos são semelhantes (Kaplowitz *et al.*, 2004). Ainda assim, a abordagem pela via eletrónica é talvez o meio mais económico e eficaz de atingir uma população que seja geograficamente dispersa (Mertler, 2002), contemplando os mais variados tipos de atividade. Este facto, aliado à possibilidade de se transferir automaticamente os dados recolhidos para posterior análise, constitui uma vantagem, pelo que se considerou esta forma de contacto a mais adequada para a obtenção dos dados para o estudo.

Assim, o questionário foi o instrumento de recolha de dados adequada à elaboração do presente estudo empírico, pois uma vez que se pretende construir um modelo que infere sobre um determinado comportamento (tomada de decisão), na sequência de uma variável definida (informação contabilística), era indispensável obter-se a opinião dos que intervêm diretamente nas decisões.

Na generalidade, o inquérito é composto por questões fechadas, efetuadas através de opções de escolhas únicas ou múltiplas bem como de respostas dicotómicas. Existe uma questão aberta relativa à área de formação do respondente.

O instrumento mais utilizado para classificar o sentimento que os respondentes têm sobre as suas atitudes é a escala de *Likert* (Albaum, 1997). Assim, nos grupos de questões que têm como objetivo inferir sobre a atitude dos inquiridos, não obstante alguns estudos que

revelam não existirem alterações significativas dos dados quando utilizados diferentes escalas (Dawes, 2008), utilizou-se a escala de *Likert* de 5 pontos, por ser a escala mais ajustada para o presente estudo.

As questões foram construídas tendo em conta o pressuposto do trabalho e basearam-se essencialmente na perceção da realidade empresarial. De forma a dar suporte ao objetivo do estudo e dar resposta às diversas hipóteses definidas, o questionário<sup>8</sup> é composto por 5 grupos e encontra-se estruturado da seguinte forma:

- O primeiro grupo pretende caracterizar o perfil do gerente/administrador. Este grupo inicia-se na questão 1 e termina na 8, sendo composto por questões cujas respostas são dadas através da escolha de uma das diversas opções existentes, com o objetivo de se conhecer a composição da sociedade no que se refere a sócios/acionistas e gerentes/administradores, bem como o seu género, idade, habilitações académicas e anos de experiência em gerência. Existe ainda questões sobre a área de formação.

- O segundo grupo, questões 9 a 14, serve para de algum modo compreender o funcionamento da contabilidade no seio da empresa, ou seja, procura determinar onde é preparada a informação contabilística e se é preparada internamente ou em *outsourcing*, se a empresa tem administrativos que dão apoio ao serviço de contabilidade, que tipos de subsistemas contabilísticos tem implementado (contabilidade geral/de gestão/orçamental) na empresa, qual a periodicidade da entrega da informação contabilística, e de quem parte a iniciativa de fornecer essa informação. Por último é efetuada uma pergunta fechada que questiona se utiliza a informação contabilística na

---

<sup>8</sup> Vide questionário em Apêndice 1.

gestão da empresa. Consoante a resposta seja sim ou não, o questionário remete para dois grupos distintos de questões.

- Terceiro grupo de questões: Utilizador de informação contabilística

Este grupo pretende definir os utilizadores da informação contabilística através das questões 15 à 20. As três primeiras pretendem determinar alguns aspetos da relação empresa e contabilidade, tal como a frequência com que é utilizada a informação contabilística na gestão da empresa, que tipo de informação é utilizada ou seja, demonstrações financeiras, rácios ou outros. Por fim procura-se saber em que medida o gestor está satisfeito quanto à tempestividade da informação e qualidade do serviço de contabilidade.

Nas questões 18 a 19 são apresentadas um conjunto de afirmações, em que o inquirido seleciona a opção mais adequada utilizando a escala de *Likert* de 5 pontos, que varia entre discordo totalmente e concordo totalmente, cujo intuito é medir a perceção do decisor em relação a vários aspetos.

Na questão 20, última deste grupo, é apresentada uma escala de 1 a 10 em que o inquirido deve indicar o grau de importância que atribui à informação contabilística quando toma decisões. Para esta questão, decidiu-se aumentar a escala uma vez que não se pretende medir um grau de concordância de alguma afirmação mas sim determinar o grau de importância que os respondentes atribuem à informação contabilística. Uma escala de 10 pontos assenta mais na experiência do senso comum e produz uma maior sensibilidade do instrumento de medida (Cummins e

Gullone, 2000) e assim refinar com maior precisão a importância atribuída à informação contábilística, que é uma das principais questões do estudo.

- Quarto grupo de questões: Não utilizador de informação contábilística

Os que não utilizam a informação contábilística na gestão da empresa são remetidos para as questões 21 e 22, que pretendem através do grau de concordância de diversas afirmações utilizando a escala de *Likert* de 5 pontos, determinar essencialmente o porquê da não utilização da informação contábilística.

- O quinto grupo, questões 23 a 26, consiste na análise das decisões e interesse da informação contábilística. Para tal foram construídos 3 quadros em que o primeiro mede, através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, quais os fatores que têm maior grau de importância na tomada de decisão. No segundo quadro, é apresentado uma lista de utentes e é solicitado ao inquirido que os liste por ordem decrescente de interesse. O último quadro pretende medir qual a influência de diversos fatores endógenos e exógenos da empresa no processo de tomada de decisão. Recorreu-se novamente a uma escala de *Likert* de 5 pontos.

- O sexto e último grupo pretende avaliar o peso dos dispêndios suportados pela entidade com a informação contábilística na estrutura de custos da empresa e a opinião do inquirido sobre a sua razoabilidade, tendo em consideração a sua importância como fonte de informação, ou se é vista como um custo desnecessário. Para tal foi colocada uma pergunta fechada que questiona se os responsáveis consideram a contabilidade uma mais-valia para a empresa ou um custo desnecessário, de seguida pede-se ao inquirido, para

escolher de entre várias opções, o custo mensal com a contabilidade, sendo também pedido, classificando numa escala de *Likert* de 5 pontos, que o qualifique.

É colocada uma questão intermédia que pergunta se consideram o responsável pela contabilidade, por norma o TOC, um criador de valor para a empresa. Antes da questão final colocam-se quatro afirmações na perspetiva da relação preço/qualidade em que o respondente deve escolher o seu grau de concordância, numa escala de *Likert* de 5 pontos.

A questão final do inquérito pretende determinar se os responsáveis das empresas continuariam a recorrer ao serviço de contabilidade, caso não fosse uma obrigação legal. Este conjunto de questões tem por objetivo fornecer algumas evidências quanto à consideração da contabilidade como um custo de contexto para as empresas.

### **3.3.2 – Aspetos logísticos**

Atualmente, as empresas são constantemente “bombardeadas” com publicidades, *pop-ups*, *SPAM*, *cookies* (Palmer, 2005) e toda uma série de “lixo” que enchem as caixas de correio eletrónico. Adicionalmente, a sobrecarga de inquéritos que as empresas recebem, quer de organismos públicos, quer de privados, levam as mesmas a afirmarem que para conseguirem dar resposta a todos teriam de disponibilizar um funcionário para esse efeito, o que não é viável. Consequentemente a recetividade em abrir um convite de participação num inquérito, e depois ainda ter apetência e disponibilidade em preencher todos os campos do inquérito, proporcionam erros de não-resposta (Couper, 2000), o que à partida cria uma limitação a qualquer estudo por inquéritos *on-line*.

A utilização de um método de recolha que funciona à distância apresenta também algumas desvantagens (Schmidt, 1997), como repostas incompletas, repostas incorretas, duplicação de submissão de respostas, ou o respondente não ser a pessoa desejada. O problema das repostas incompletas foi ultrapassado com a configuração de segurança da aplicação que só permite avançar no questionário após a conclusão de todas as questões. Logo todos os inquéritos que foram submetidos encontram-se totalmente preenchidos. A duplicação de respostas foi salvaguardada com a criação de um *token* por questionário, impossibilitando o acesso ao questionário, uma vez submetido. Quanto à problemática da incerteza de ser a pessoa desejada a responder, foi acautelada com as diversas informações no decorrer do inquérito que alertavam para o facto de ser dirigido aos gerentes/administradores, por serem os responsáveis pelas decisões na empresa.

Partindo do princípio que no meio organizacional, os executivos são aqueles que apresentam menor taxa de resposta quando inquiridos (Anseel *et al.*, 2010), e tendo em conta que a amostra era não probabilística, era necessário proceder à divulgação de um grande número de inquéritos cuja quantidade de respostas fosse suficientemente aceitável para construir um modelo.

A primeira etapa deste trabalho focou-se na elaboração do inquérito e na procura de uma forma de obter uma base de dados de contactos para o envio dos mesmos. A plataforma inicialmente seleccionada foi o formulário do *Google Docs/Google Drive*, mas desde logo se verificaram algumas limitações desta ferramenta quanto à construção dos diversos quadros, do aspeto visual, da incerteza do servidor quanto a falhas e da gestão dos respondentes. Face às desvantagens apresentadas pela plataforma inicialmente

selecionada optou-se pelo *Digitquest*, uma ferramenta de inquéritos *online* que tem a base do *Limesurvey*, que apresenta muito mais potencial e versatilidade.

Quanto à aquisição da base de dados de contactos, optou-se à partida pela via institucional, enviando pelos trâmites legais, um pedido de acreditação de investigador à Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência a fim de solicitar o acesso a dados estatísticos individuais para fins de investigação científica, criado no contexto do Protocolo, assinado, em 23 de dezembro de 2008, entre o INE, a Fundação para Ciência e Tecnologia e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Concedida a credenciação, solicitou-se ao INE o último Sistema de Contas Integradas das Empresas disponível com as variáveis físicas – CAE, NUTS, contactos de endereços eletrónicos e as variáveis económicas (número de pessoas ao serviço, VN e total de balanço das empresas em Portugal continental com VN entre os 150.000€ e os 2.000.000€).

Contudo, estes tipos de dados estão sujeitos a tarifação por parte do INE e o orçamento enviado exigia valores relativamente avultados. Assim, uma vez que os custos com a obtenção desta base de dados eram muito superiores aos benefícios científicos que pudessem advir, dado o reduzido grau de aproveitamento dos contactos, juntando ao facto que todos os indicadores económicos serem fornecidos por escalões, o que impossibilitaria delimitar quais as empresas que se enquadrariam no âmbito de ME, a opção por esta base de informação foi rejeitada.

Nesta circunstância, recorreu-se à base de dados de informação financeira de empresas ibéricas *SABI* do *Bureau Van Dijk (BVD)*, a fim de se recolher, das empresas que responderam, a sua data de constituição, VN, total do ativo, número de trabalhadores,

RLP, capital próprio e os principais indicadores económicos e financeiros, nomeadamente o ROA, ROE, liquidez geral, endividamento e solvabilidade. A BVD facultou, a título excecional, a informação necessária, no que concerne às empresas que responderam ao inquérito.

Outro aspeto logístico prendeu-se com as questões técnicas associadas ao envio dos *e-mails*. Assim, foi necessário solucionar a estabilidade do servidor de envio de *e-mails*, pois tanto a plataforma do *Digitquest* como os servidores convencionais não estão preparados para descarregar mais de 65.000 mensagens seguidas, devido ao excesso de informação que “entope” o servidor sob pena de as contas ficarem bloqueadas por conteúdos de *SPAM*. A solução foi subscrever o serviço *Amazon Simple Email Service (Amazon SES)*, um pacote específico ao envio de *e-mails* em larga escala.

Procedeu-se ao *upload* dos contactos para o *Digitquest*, criaram-se *tokens*<sup>9</sup> por cada registo e descarregou-se essa base de dados para um ficheiro em *Microsoft Access* para que, com o intermédio da opção *Mailings* do *Microsoft Word*, as mensagens fossem automaticamente geradas uma a uma com o seu *token*, e ser enviada para a respetiva empresa através do *Microsoft Outlook*.

A gestão dos contactos com um *token* permite controlar quem respondeu ao inquérito e associar a resposta à empresa. Deste modo foi possível retirar do inquérito um conjunto de questões relativas à informação económico-financeira da empresa. Assim, para além de se aligeirar o questionário, retiraram-se questões que seriam um entrave ao completo preenchimento do inquérito, uma vez que se trata de informação que não está à disposição

---

<sup>9</sup> Chave eletrônica.

imediate de quem o preenche, ou informação que o inquirido não pretende fornecer. Essa informação era vital para o devido enquadramento das empresas em termos de dimensão.

No quadro seguinte apresenta-se o número de *e-mails* enviados, datas de envio e respostas obtidas.

**Quadro 3.1** – Número de *e-mails* e respostas obtidas

<b>Data Envio</b>	<b>Nº <i>e-mails</i> enviados</b>	<b>Fim do prazo de respostas</b>	<b>Inquéritos completos</b>
Início de junho 2013	65.893	Final de junho 2013	407
Final de junho 2013	65.168	10 de julho de 2013	382
<b>Total de inquéritos completos</b>			<b>789</b>

Salienta-se que em ambas as fases de envio, cerca de 20% dos *e-mails* enviados vieram devolvidos essencialmente devido a endereços inválidos e caixas de correio cheias. O número de *e-mails* enviados na fase de insistência é a diferença entre número inicial menos aqueles que responderam e os que solicitaram não participar no estudo na 1ª fase. Num total de 984 pessoas que acederam ao inquérito, registou-se um total de 789 inquéritos completos e 196 inquéritos que começaram a ser preenchidos mas não foram concluídos até o prazo final de resposta. No total foram enviados mais de 131.000 *e-mails* de convite.

### 3.4 – Tratamento de dados

A medição da confiabilidade de um questionário é medida pela consistência interna entre os diferentes itens de um determinado teste, e o método mais recorrente é o *Alfa de Cronbach*. Para o presente estudo, uma vez que foram construídos diversos quadros com o intuito de inferir diferentes atitudes, apresenta-se o resultado da confiabilidade de cada quadro de respostas escalonadas, anteriormente à análise dos mesmos.

A fim de testar as suposições sobre a população, conjeturadas nos objetivos do estudo e nas hipóteses, foram utilizadas estatísticas descritivas e testes não paramétricos. Para testar a independência das variáveis nominais utilizou-se o teste qui-quadrado. Nos casos em que se verificou dependência, analisou-se a força da associação através do *V de Cramer*.

Para testar a igualdade das distribuições dos 3 grupos de variáveis independentes de acordo com as variáveis dependentes presentes nos grupos de questões (quadro 3.2) recorreu-se ao teste *Mann-Whitney* no caso de 2 amostras independentes e teste de *Kruskal Wallis* para o caso de 3 ou mais amostras independentes. Considerou-se o nível de significância inferior a 0,05 ( $p\text{-value} < 0,05$ ).

No quadro 3.2 evidenciam-se os grupos de variáveis independentes e dependentes testadas.

### Quadro 3.2 - Análise das variáveis

Variáveis independentes	Variáveis dependentes
<b>A1-Análise estrutural</b> (Região, Setor, Forma Jurídica, Idade da Empresa)	
<b>A2-Análise perfil</b> (Género, Idade, Habilitações, Área formação, Anos experiência)	Grupo 1 - Questão 14 Grupo 2 - Questão 18 a 20
<b>A3-Análise económica/financeira</b> (VN, Nº trabalhadores, Total ativo, RLP, Capital próprio, ROA, ROE, Liquidez geral, Endividamento, Solvabilidade)	

Divulga-se e analisa-se os resultados com significância relevante. Em apêndice<sup>10</sup> apresenta-se os resultados de todos os testes efetuados segundo o quadro 3.2.

Os dados recolhidos foram primariamente tratados através do *Microsoft Excel*, agregando-se às respostas de cada individuo a respetiva informação financeira, que foi posteriormente obtida na base de dados SABI inerente às empresas respondentes. Para a construção dos dados estatísticos, em função dos objetivos e hipóteses da investigação, utilizou-se o *IBM SPSS Statistics versão 20*.

Na análise dos dados económicos e financeiros criaram-se os seguintes grupos de variáveis independentes:

- VN: abaixo de 500.000€ e acima de 500.000€.
- N.º trabalhadores: 5 ou menos trabalhadores e acima de 5 trabalhadores.
- Total de ativo: abaixo de 500.000€ e acima de 500.000€.

---

<sup>10</sup> Apêndice 2.

- RLP: Abaixo de 0€, entre 0€ e 25.000€ e acima de 25.000€.
- Capital próprio: abaixo de 500.000€ e acima de 500.000€.
- *ROA*: abaixo de 0%, entre 0% e 5% e acima de 5%.
- *ROE*: abaixo de 0%, entre 0% e 15% e acima de 15%.
- Liquidez geral: abaixo de 1 e acima de 1.
- Endividamento: entre 0% e 50%, entre 50% e 100% e acima de 100%.
- Solvabilidade: abaixo de 0%, entre 0 e 50% e acima de 50%.

A recolha dos dados obtidos através do inquérito e os dados financeiros das respetivas entidades permitiram a construção de uma base de dados com um conjunto de 105 variáveis passíveis de tratamento.

## **CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste capítulo apresenta-se uma breve caracterização da amostra e os principais resultados.

### **4.1 – Caracterização da amostra**

#### **4.1.1 – Caracterização das empresas**

Dos inquéritos enviados obtiveram-se 789 respostas, 564 são relativas a microempresas, 155 de pequenas empresas, 24 de médias empresas, 1 de uma grande empresa e 45 cuja dimensão é desconhecida. Os critérios de dimensão atendem ao definido na recomendação 2003/361/CE, e conforme já apresentado, para as ME.

Apesar de ter sido devidamente referido no *e-mail* de contacto, bem como na apresentação do questionário, que o âmbito do estudo eram as ME, verificou-se que algumas empresas responderam apesar de não se enquadrarem no universo definido.

As 45 respostas de empresas de dimensão desconhecida justifica-se pela ausência de informação económico/financeira, principalmente porque estas foram constituídas durante ou após o período de 2012. A grande maioria foi constituída sob a forma jurídica de sociedade “Unipessoal”. Como tal, presume-se para efeitos de análise, que todas estas se enquadram no âmbito das ME, o que somando às ME respondentes perfaz 609 casos a analisar. Os dados financeiros recolhidos reportam-se a 2011.

A tabela da CAE revisão 3 divulgada pelo INE apresenta uma lista com 22 secções que representam as diferentes atividades vigentes no panorama nacional. Conforme o quadro que se segue, obteve-se respostas provenientes de 19 tipos de atividades, o que neste aspeto representa uma amostra composta de uma grande heterogeneidade.

**Quadro 4.1 - Taxa de respostas por CAE**

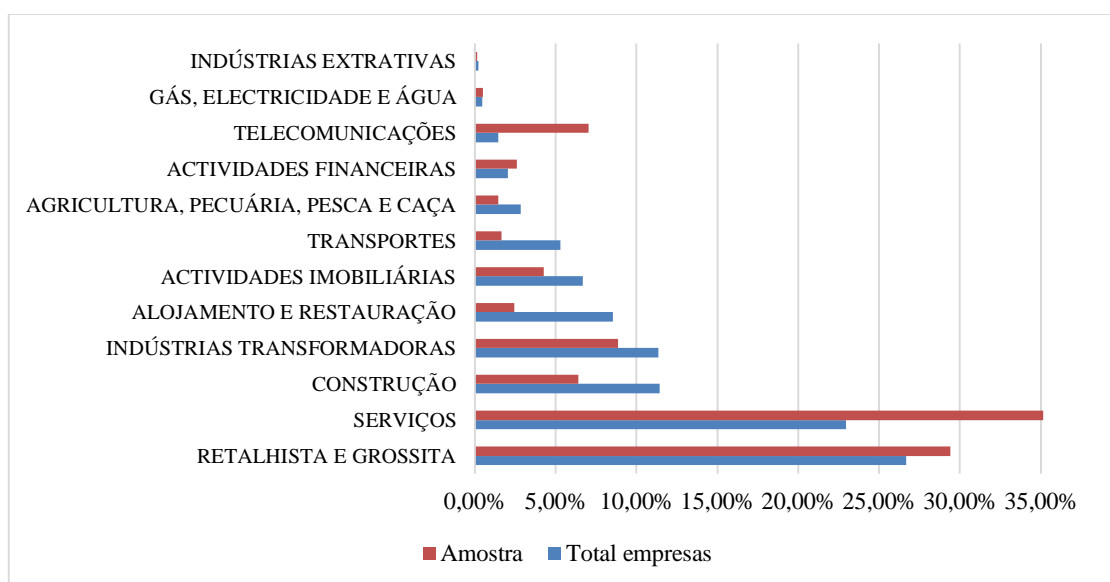
CAE	Frequência	%	% Acumulada
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	25	4,1	4,1
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e	12	2,0	6,1
Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	117	19,2	25,3
Atividades de informação e de comunicação	43	7,1	32,3
Atividades de saúde humana e apoio social	30	4,9	37,3
Atividades financeiras e de seguros	16	2,6	39,9
Atividades imobiliárias	26	4,3	44,2
Atividades Veterinárias	1	0,2	44,3
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	1	1,5	45,8
Alojamento, restauração e similares	15	2,5	48,3
Captação, tratamento e distribuição de água	2	0,3	48,6
Comércio por grosso e a retalho	179	29,4	78,0
Construção	39	6,4	84,4
Educação	19	3,1	87,5
Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	2	0,2	87,7
Indústrias extrativas	2	0,2	87,8
Indústrias transformadoras	2	8,9	96,7
Outras atividades de serviços	10	1,6	98,4
Transportes e armazenagem	10	1,6	100,0
<b>Total</b>	<b>609</b>	<b>100,0</b>	

Salienta-se que as respostas são maioritariamente de atividades de comércio por grosso e a retalho ( $\pm 29\%$ ) e atividade de serviços ( $\pm 35\%$ ) que no seu conjunto representam a maioria das respostas. Embora não tenha sido possível obter dados relativos à composição do universo das ME por atividades, efetuou-se a comparação da taxa de respostas obtidas com o perfil das empresas por setor de atividade em 2011 apresentado pela Informa D&B (2013), apesar tratar de todas as empresas com informação financeira em 2011 recolhida

através da Informação Empresarial Simplificada, denominada por IES, tendo em consideração que 85% das empresas são ME, parece ser uma fonte de comparabilidade aceitável.

Agrupando as CAE pelos três setores de atividade contata-se que 1,5% das empresas pertencem ao setor primário, 16% ao setor secundário e 82,5% ao setor terciário.

**Gráfico 4.1** - Taxa de respostas e empresas existentes por setores de atividade



Pelo gráfico acima observa-se que a taxa de respostas da amostra por setor de atividade segue a composição das empresas nacionais, o que indica uma certa representatividade setorial dos indivíduos como elementos do universo. Observa-se uma ligeira superioridade nas taxas de respostas face ao número de empresas existentes nos setores das telecomunicações e serviços, que pode ser originado por uma maior sensibilidade dos gestores/administradores deste tipo de atividade ao questionário *on-line*.

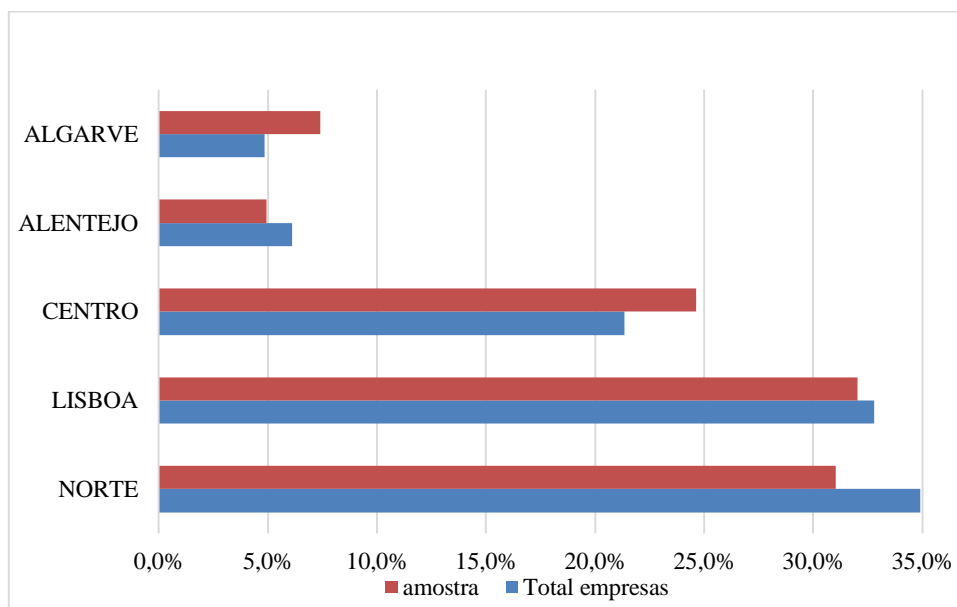
Quanto à localização geográfica, apresenta-se no seguinte quadro as taxas de respostas das empresas por regiões de acordo com a NUTS II-Continente.

**Quadro 4.2** - Taxa de respostas, distribuídas por região

Região	Frequência	%	% Acumulada
Lisboa	195	32,0	32,0
Norte	189	31,0	63,1
Centro	150	24,6	87,7
Algarve	45	7,4	95,1
Alentejo	30	4,9	100,0
<b>Total</b>	<b>609</b>	<b>100,0</b>	

Conforme se aduz do quadro 4.2, a grande parte das respostas (63%) provém de empresas sediadas nos distritos de Porto e Lisboa. Geograficamente, observa-se uma distribuição da taxa de respostas muito semelhante ao perfil por região das empresas nacionais em 2011 (Informa D&B, 2013), tal como se verifica no gráfico seguinte.

**Gráfico 4.2** - Taxa de respostas e empresas existentes por regiões



Relativamente à forma jurídica das empresas que responderam, dividem-se de acordo com o seguinte quadro:

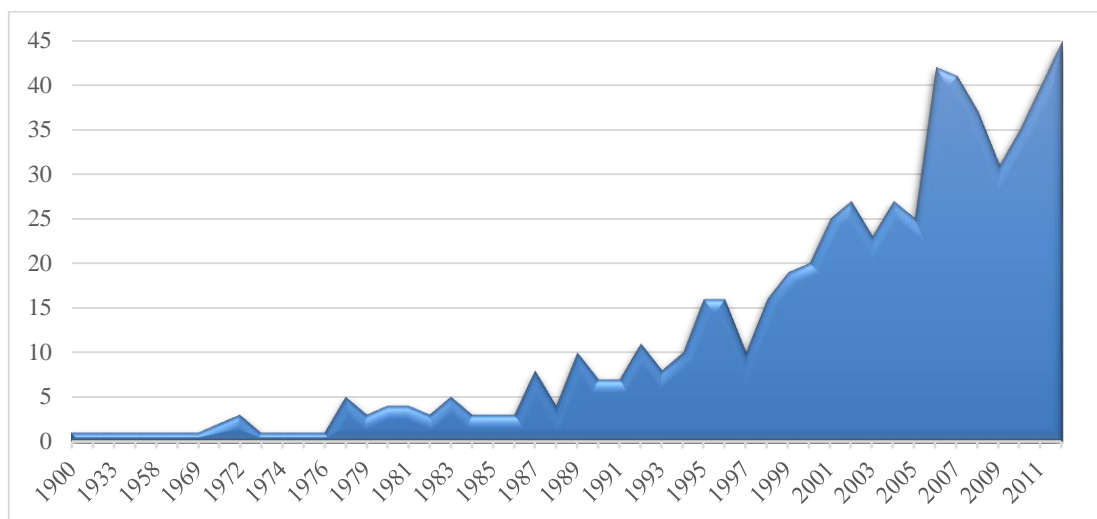
**Quadro 4.3** - Taxa de respostas por forma jurídica

<b>Forma jurídica</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% Acumulada</b>
Sociedade por quotas	443	72,7	72,7
Sociedade Unipessoal	143	23,5	96,2
Sociedade Anónima	19	3,1	99,3
Cooperativa	4	0,7	100,0
<b>Total</b>	<b>609</b>	<b>100,0</b>	

Conforme se infere pelo quadro 4.3, a maioria das respostas é proveniente de sociedades por quotas (73%). Esta proporção é semelhante ao peso das sociedades por quotas no tecido empresarial nacional em 2011 (Informa D&B, 2013), com uma preponderância de 68%.

Mais de 79,8% das respostas provieram de empresas constituídas nas últimas duas décadas (1991-2011), podendo observar-se a distribuição no gráfico 4.3. Também neste aspeto se encontra algumas semelhanças com a antiguidade das empresas em atividade em 2011 (Informa D&B, 2013). Segundo esta entidade, 19% das empresas tinham entre 1 e 5 anos, 25,7% entre 5 e 10 anos e 30,4% entre 10 e 20 anos, fazendo com que 75,1% das empresas em 2011 apresente entre 1 a 20 anos de atividade.

**Gráfico 4.3** - Número de respostas por ano de constituição

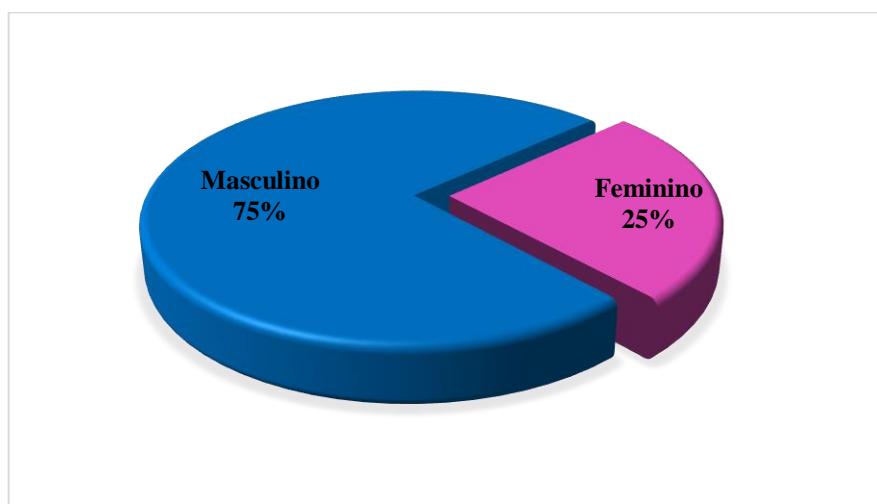


#### 4.1.2– Caracterização dos respondentes

No que diz respeito à composição demográfica dos indivíduos que responderam ao inquérito, salientam-se alguns aspetos conforme se segue.

A maioria dos respondentes são do género masculino, tal como se observa na distribuição seguinte:

**Gráfico 4.4** - Género



No que concerne à classe de idades, a grande parte das respostas corresponde a indivíduos cuja idade se situa entre os 36 e 45 anos (32,8%) tal como se pode analisar no quadro seguinte.

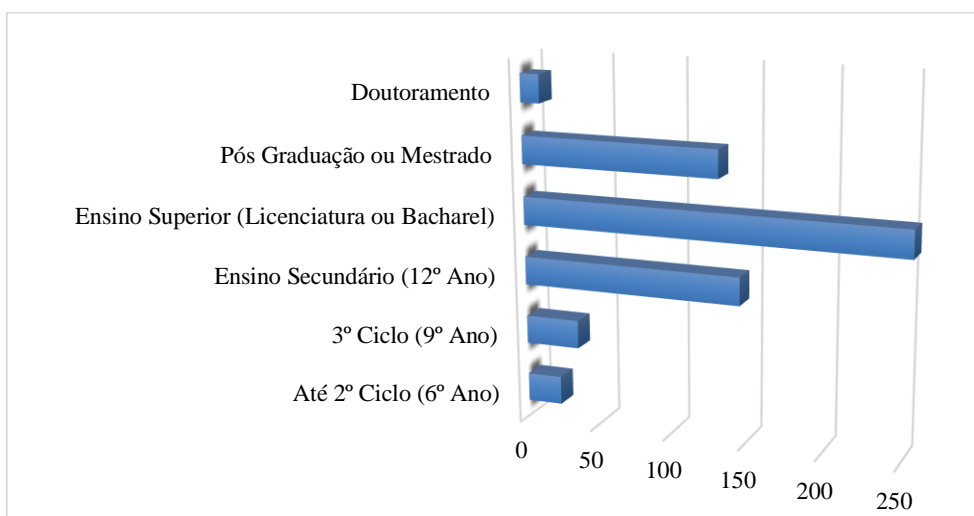
**Quadro 4.4 - Idade**

<b>Idade (anos)</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% Acumulada</b>
Entre 18-25	9	1,5	1,5
Entre 26-35	133	21,8	23,3
Entre 36-45	200	32,8	56,2
Entre 46- 55	176	28,9	85,1
Mais de 55	91	14,9	100,0
<b>Total</b>	<b>609</b>	<b>100,0</b>	

Pelo gráfico seguinte, observa-se uma percentagem elevada de respondentes com formação de nível superior, representando 66% das respostas. Apenas cerca de 10% dos respondentes têm habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9.º ano de escolaridade.

Na análise estatística agrupou-se as habilitações em 3 classes - até o 9º ano, ensino secundário e ensino superior.

**Gráfico 4.5 - Habilitações literárias**



Apresenta-se a análise aos anos de experiência dos respondentes em gerência e administração de empresas no quadro 4.5. Para efeitos de análise estatística agrupou-se em 4 classes os anos de experiência – entre 1 a 5 anos, entre 5 e 10 anos, entre 10 e 20 anos e mais de 20 anos.

**Quadro 4.5** - Anos de experiência

Anos de experiência em gerência/administração de empresas	Frequência	%	% Acumulada
Menos de 1 ano	17	2,8	2,8
Entre 1 e 5 anos	128	21,0	23,8
Entre 5 e 10 anos	160	26,3	50,1
Entre 10 e 20 anos	176	28,9	79,0
Mais de 20 anos	128	21,0	100,0
<b>Total</b>	<b>609</b>	<b>100,0</b>	

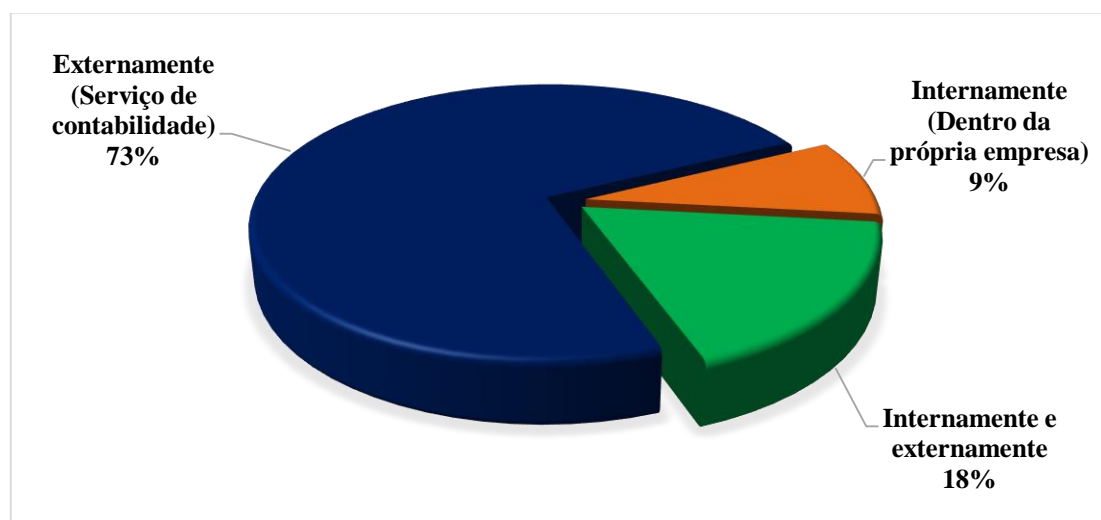
A área de formação dos respondentes foi bastante variada, indo de engenheiro zootécnico, passando pelo comercial, carpinteiro, até aquele sem formação específica, que aprendeu pelas “experiências da vida”. Tendo em conta o âmbito do estudo, agregaram-se as áreas de formação em 2 grupos, os que têm formação nas áreas económicas (Economia, Finanças, Auditoria, Contabilidade, Gestão e Administração) e os que não são dessa área, o que resultou numa taxa de 32% dos respondentes das áreas económicas e os restantes 68% das outras.

Na questão relativa à frequência de cursos de formação em gestão obteve-se 56% de respostas afirmativas. Para os que responderam negativamente foi apontada a falta de tempo e disponibilidade como o principal motivo para não frequentarem esses cursos.

### 4.1.3 – Caracterização da contabilidade

O gráfico 4.6 revela onde se encontra centralizado o serviço da contabilidade. Como complemento a esta análise, foi apurado que em 63% das empresas existe um(a) administrativo(a) ou departamento administrativo que auxilia e fornece toda a documentação ao serviço de contabilidade. Observa-se que a grande maioria das empresas obtêm a informação contabilística exclusivamente através de *outsourcing*, sendo que 18% preparam alguma informação contabilística internamente, mas para efeitos legais contratam um serviço de contabilidade.

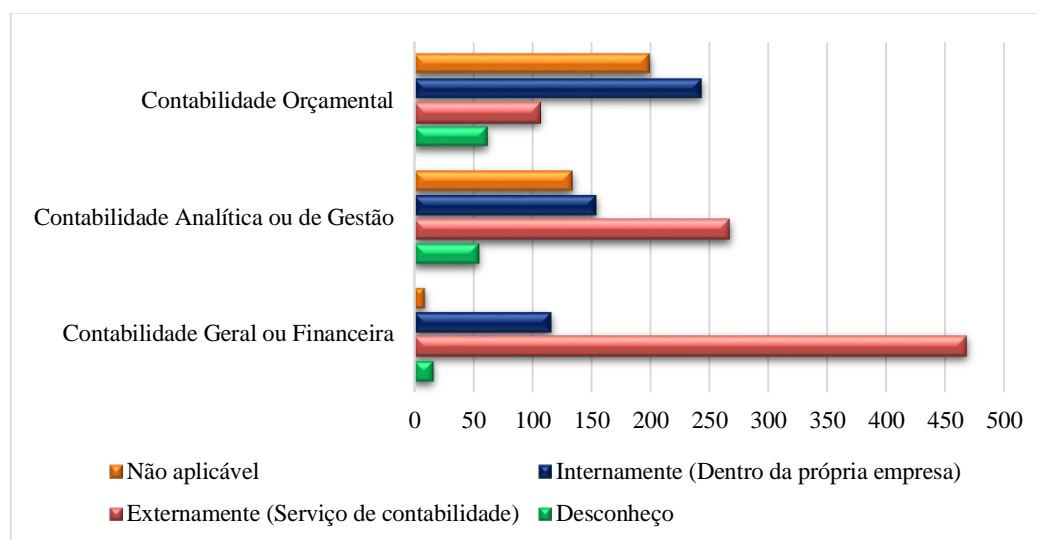
**Gráfico 4.6 - Localização do serviço da contabilidade**



O gráfico 4.7 ilustra os diferentes sistemas (aplicações) contabilísticos adotados pelas empresas, bem como o local da sua preparação. É de salientar que na grande maioria das empresas (77%) a contabilidade geral ou financeira é preparada externamente o que, e considerando também a informação espelhada no gráfico anterior, significa que as empresas recorrem ao *outsourcing* essencialmente para a preparação da informação exigida por lei. Verifica-se que dada a natureza de algumas empresas, fundamentalmente dos setores industriais ou produtivos, o recurso a informação gerada pela contabilidade

analítica ou de gestão. Neste caso as empresas recorrem menos a serviço externo (44%). A contabilidade orçamental é geralmente menos utilizada, pois 33% das empresas não utiliza esse sistema. No entanto, 40% das empresas que recorrem a este tipo de informação preparam-na internamente.

**Gráfico 4.7 - Tipo de aplicação contabilística e local da sua elaboração**



Numa última análise, questionou-se quanto à periodicidade da entrega da informação contabilística ao gerente/administrador por parte do responsável pela contabilidade. Verificou-se que 49% recebem a informação numa base mensal e 34% recebem trimestralmente. Apenas 15,4% recebem informação semestral ou anual, e 1% nunca recebe informação. Das empresas que recebem informação contabilística, 32% é entregue por iniciativa do responsável da contabilidade, 19,4% é entregue quando solicitada e 48% da informação é entregue em ambos os casos.

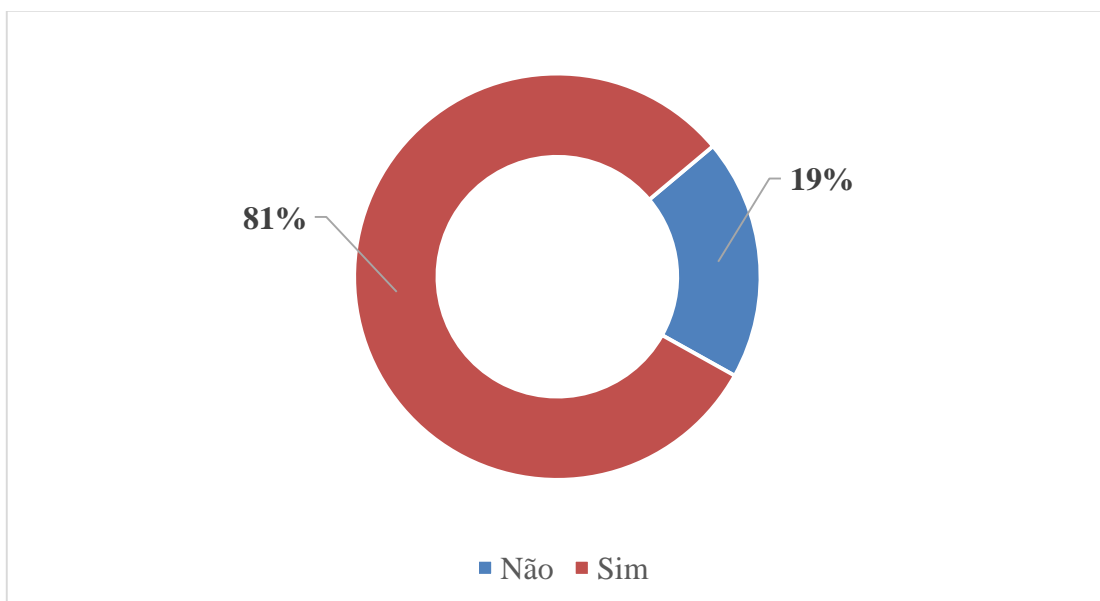
## 4.2 – Utilização da informação contabilística

Neste ponto pretende-se dar resposta ao objetivo anteriormente enunciado, determinar se a informação contabilística é um recurso da maioria das empresas e que fatores influenciam a sua utilização.

Da análise dos dados constata-se que das 609 ME que responderam ao inquérito, existem 492 (81%) que utilizam a informação contabilística, com uma frequência mensal (46%) ou pelo menos uma vez por trimestre (38%). Os restantes utilizam pelo menos uma vez por semestre ou por ano.

O seguinte gráfico apresenta a distribuição das empresas que utilizam a informação contabilística.

**Gráfico 4.8** - Utilizador da informação contabilística na gestão



O balanço e a demonstração dos resultados são a fonte de informação mais utilizada, sendo que recorrem a estas informações cerca de 76% das ME. Os mapas e gráficos elaborados em *Excel* é a segunda fonte de informação mais utilizada pelas ME com cerca de 38,5%. A demonstração dos fluxos de caixa e os rácios económico-financeiros são utilizadas por não mais de 34% das ME, sendo que a análise de desvios orçamentais é um recurso de apenas 24% das ME.

Para testar a hipótese 1: “As variáveis estruturais, o perfil do gerente e estrutura económica e financeira são relevantes para utilizar ou não a informação contabilística” relacionaram-se as diversas variáveis dos 3 fatores (estrutural, perfil do gerente e dados económico-financeiros) com a utilização ou não da informação contabilística (variável dicotómica onde 0 = não utiliza e 1 = utiliza).

Os resultados permitem concluir que algumas variáveis estruturais (setor de atividade e longevidade da empresa), do perfil do gerente (área de formação) e a dimensão da empresa (número de trabalhadores) têm uma relação significativa com a utilização da informação contabilística ( $p\text{-value} < 0,05$ ).

#### Setor de Atividade:

Embora com um reduzido valor de associação de 0,141, existem evidências estatísticas para se afirmar que o setor influencia a utilização da informação contabilística sendo que os gerentes do setor secundário são os que mais utilizam a informação contabilística na gestão (cerca de 92%), seguido do terciário com 79%. Perto de metade dos gerentes das ME do setor primário é que utilizam a informação contabilística, ressalvando-se a

reduzida expressão das empresas deste setor de atividade. Parece que a natureza das atividades da indústria justificam uma maior utilização da contabilidade como instrumento de gestão, dada a necessidade do apuramento dos custos de obra, margens, etc. necessárias à gestão deste tipo de unidades.

#### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	12,101 <sup>a</sup>	2	,002
N of Valid Cases	609		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,73.

#### Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal	Cramer's V	,141	,002	,004
N of Valid Cases		609		

#### Idade da empresa:

Constatou-se que também existem evidências estatísticas para afirmar que a idade da empresa influencia a utilização da informação contabilística. Quer nas empresas entre 5 e 10 anos, 10 e 20 anos ou mais de 20 anos, 84% dos gerentes tendem a utilizar a informação contabilística na gestão. As empresas com menos de 5 anos utilizam menos a informação contabilística verificando-se uma taxa de aproximadamente 73%. Assim empresas mais jovens tendem a utilizar menos a informação contabilística que as empresas mais antigas. A longevidade está associada à experiência e aprendizagem. Ao longo da vida de uma empresa ocorrem diversas situações onde a experiência/aprendizagem ensinou que a inexistência de informação adequada fragiliza a

posição dos gestores e das empresas. É expectável que essas vivências valorizem a informação como um elemento importante em termos operacionais e estratégicas.

**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	9,566	3	,023
N of Valid Cases	609		

**Symmetric Measures**

	Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal Cramer's V	,125	,023	,022
N of Valid Cases	609		

Área de formação:

Para a variável área de formação também existem evidências estatísticas para se afirmar que influencia a utilização da informação contabilística. Do conjunto das entidades constata-se que 87,6% dos que têm formação nas áreas económicas utilizam a informação contabilística, enquanto 77,6% dos que não têm formação nas áreas económicas é que utilizam a informação contabilística. Estes resultados confirmam que a formação em áreas de gestão ou afins é facilitadora no domínio da interpretação da informação com base contabilística. Estes profissionais detêm não só o domínio da sua linguagem própria, como são sensíveis à utilização de instrumentos de análise com suporte na contabilidade.

**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	8,583	1	,003
N of Valid Cases	609		

**Symmetric Measures**

		Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal	Cramer's V	,119	,003	,004
N of Valid Cases		609		

Número de trabalhadores:

Relativamente ao número de trabalhadores, como *proxy* de dimensão das empresas, verifica-se a existência de evidências estatísticas para se afirmar que influencia a utilização da informação contabilística. No conjunto das ME constata-se que são as maiores empresas (com mais de 5 trabalhadores) que mais utilizam a informação contabilística (90%). Enquanto, 79% das empresas com 5 ou menos trabalhadores utilizam a informação contabilística. Estes resultados permitem presumir que empresas de maior dimensão são mais propensas a utilizar a contabilidade como fonte de informação. A dimensão das entidades está geralmente relacionada com uma maior complexidade, logo um maior número de variáveis a gerir e controlar. Facto que se considera determinante para a utilização de instrumentos de gestão mais complexos, onde se incluem os da matriz contabilística.

**Chi-Square Tests**

		Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square		7,259	1	,007
N of Valid Cases		609		

**Symmetric Measures**

		Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,109	,007	,008
N of Valid Cases		609		

### **4.3 – A utilidade da informação contabilística**

Neste ponto analisam-se os resultados que permitem validar, ou não, a hipótese 2 onde se associavam as variáveis estruturais, perfil do gerente e a estrutura económica e financeira à opinião dos utilizadores sobre a utilidade da informação contabilística. Analisa-se igualmente as respostas dos não utilizadores.

#### **4.3.1 – Utilizadores da informação contabilística**

Neste ponto analisa-se um conjunto de questões (quadro 4.6) para as quais se realizou o teste de confiabilidade, tendo-se obtido um *Alfa de Cronbach* de 0,827, para N = 492, o que indica uma boa fiabilidade. Removeram-se do teste as variáveis n.º 7 e 8<sup>11</sup> por apresentarem uma reduzida correlação com as restantes. Estas variáveis são analisadas no ponto 4.4.

---

<sup>11</sup> Estas questões, que dizem respeito à relação com o preparador da contabilidade e a utilização desta para apuramento de impostos, são apresentadas em ponto autónomo.

**Quadro 4.6 - Utilidade da informação contabilística do ponto vista dos utilizadores.**

	1		2		3		4		5		$\bar{x}$	$\sigma$	$\sigma^2$
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
1-A informação da Contabilidade é importante nas decisões operacionais	17	3,46	27	5,49	63	12,80	184	37,40	201	40,85	4,07	1,03	1,06
2-A informação da Contabilidade é importante nas decisões estratégicas	8	1,63	12	2,44	31	6,30	145	29,47	296	60,16	4,44	0,85	0,72
3-A informação da Contabilidade é importante para o planeamento dos objetivos	9	1,83	8	1,63	48	9,76	171	34,76	256	52,03	4,34	0,86	0,74
4-A informação da Contabilidade é importante para o controlo orçamental	6	1,22	10	2,03	39	7,93	162	32,93	275	55,89	4,40	0,82	0,67
5-A informação da Contabilidade é importante para compreender os resultados do final do ano	4	0,81	1	0,20	12	2,44	109	22,15	366	74,39	<b>4,69</b>	0,61	0,37
6-Através da informação da contabilidade é possível prever crises financeiras e o eventual risco de falência/insolvência	14	2,85	23	4,67	74	15,04	179	36,38	202	41,06	4,08	1,00	1,00
9-O tempo despendido com o elevado número de obrigações declarativas reduziu a qualidade da informação contabilística	41	8,33	34	6,91	118	23,98	204	41,46	95	19,31	<u>3,57</u>	1,13	1,27
10-A utilização da informação contabilidade permite um melhor controlo da empresa	3	0,61	6	1,22	34	6,91	186	37,80	263	53,46	4,42	0,73	0,53
11-O uso da informação da contabilidade permite uma obtenção de melhores resultados da empresa	9	1,83	19	3,86	61	12,40	209	42,48	194	39,43	4,14	0,91	0,82

A distribuição das respostas apresentadas no quadro 4.6 apontam para que a opinião dos inquiridos seja, na maioria dos aspetos, favorável à utilidade da informação contabilística. O ponto que reúne maior consenso quanto à utilidade da informação contabilística (4,69) é a sua importância na compreensão dos resultados do final do ano (questão 5), tendo obtido uma média de respostas muito próxima da concordância total. Compreende-se a razão por que estes atribuem importância à formação dos resultados. Os resultados são

uma medida de sucesso ou insucesso quer da gestão, quer da empresa. A contabilidade é o instrumento que permite informar atempadamente a gestão da evolução do seu desempenho e permitir medidas corretivas quando adequadas. Por outro lado os resultados informam os sócios/acionistas da rentabilidade do capital investido.

Verifica-se que é dada uma maior importância, embora ligeira, à utilidade da informação contabilística nas decisões estratégicas, comparativamente às decisões operacionais.

Na questão 9 pretendeu-se aferir se decisores consideram ter existido um decréscimo da qualidade da informação contabilística resultante do aumento das obrigações declarativas verificadas nos últimos anos. Embora a média tenha uma tendência neutra (nem concordo, nem discordo), 60,77% das empresas concordam ter havido uma redução da sua qualidade, muito por efeito do tempo despendido com a elevada carga declarativa.

Genericamente, constatou-se que é dada uma importância significativa ao papel da contabilidade como fonte de informação para o planeamento (questão 3) e para o controlo (questões 4 e 10). A informação contabilística permite, na opinião dos utilizadores, prever cenários recessivos.

Ao testar a influência dos diversos fatores sobre a opinião da utilidade da informação contabilística (Hipótese 2), nas diversas vertentes plasmadas no quadro 4.6, constatou-se que apenas o perfil dos gerentes/administradores, no que concerne à sua área de formação, tem influência significativa. As restantes variáveis associadas ao perfil dos gerentes e aos outros fatores apresentaram algumas relações significativas, que se apresentam no

apêndice. No entanto, estas relações não permitiram retirar um padrão conclusivo da relação entre esses fatores e a utilidade da informação.

A área de formação obteve um número considerável de resultados de significância aceitável (relação estatisticamente significativa com 8 da 9 variáveis deste grupo). Estes resultados permitem concluir, em relação à hipótese 2, que existem diferenças significativas associadas ao perfil do gerente (área de formação) relativamente à utilidade da informação contabilística ( $p\text{-value} < 0,05$ ).

**Quadro 4.7** - Teste diferença de medianas entre área formação e questão 18/19

	<i>Mann-Whitney U</i>	<i>Asymp. Sig. (2-tailed)</i>
Importância informação contabilística nas decisões operacionais	22508,0	,001
Importância informação contabilística nas decisões estratégicas	22931,5	,001
Importância informação contabilística no planeamento de objetivos	23282,0	,003
Importância informação contabilística no controlo orçamental	23119,0	,001
A informação da Contabilidade é importante para compreender os resultados do final do ano	24334,0	,008
Informação contabilística permite prever crises e riscos falência/insolvência	23045,0	,002
O tempo despendido com o elevado número de obrigações declarativas reduziu a qualidade da informação contabilística	27087,5	<b>,843</b>
Informação contabilística permite melhor controlo da empresa	22898,5	,001
O uso da informação contabilística permite uma obtenção de melhores resultados da empresa	23682,0	,008

Os gerentes/administradores com formação nas áreas económicas apresentam, como seria expectável, uma maior sensibilidade à informação contabilística. Como se havia já constatado, são as empresas com gerentes/administradores com formação nestas áreas que mais utilizam a contabilidade como fonte de informação.

Como se constata no quadro 4.7 na generalidade das questões, existem diferenças de opinião significativas entre quem tem e não tem formação em áreas económicas. No entanto, quem não tem formação nestas áreas não subvaloriza a importância da informação contabilística, facto confirmado pelas elevadas percentagens de respostas nos pontos 4 e 5 da escala de *Likert*.

Uma taxa de 86% dos gerentes áreas económicas contra os 74% das outras áreas considera a informação contabilística importante para as decisões operacionais, 94% dos gerentes áreas económicas contra os 87% das outras áreas consideram informação contabilística importante para as decisões estratégicas e 92% dos gerentes áreas económicas contra os 87% das outras áreas consideram informação contabilística importante para o controlo orçamental.

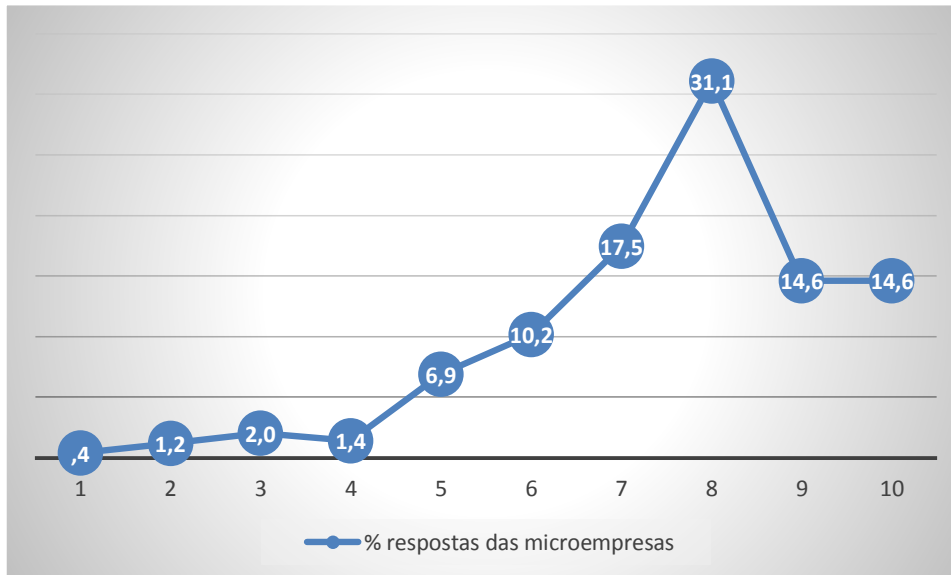
Exceciona-se um aspeto relativo à opinião sobre em que medida o tempo despendido com as obrigações declarativas afeta a qualidade da informação contabilística. Neste ponto, existe relativa unanimidade entre os gerentes/administradores independentemente da sua área de formação, o que parece reforçar a análise já efetuada a esta questão, dada a reduzida importância que lhe é atribuída (3,57 numa escala de 5).

Observou-se que 95% dos utilizadores da informação contabilística com formação nas áreas económicas consideram que a informação contabilística permite melhor controlo da empresa sendo que 89% das gerentes das outras áreas é que concordam.

Numa análise complementar aferiu-se o nível de importância que é atribuída à informação contabilística, quando os responsáveis tomam decisões. Numa escala onde 1 é nada

importante e 10 é extremamente importante, evidencia-se no gráfico 4.9 as taxas respostas obtidas.

**Gráfico 4.9** - Nível de importância atribuída à informação contabilística



Das 492 ME que utilizam a informação contabilística na gestão da empresa, observa-se uma minoria de respostas nas escalas inferiores a 5. Verifica-se uma maior concentração de respostas no nível 8 (muito importante), sendo que 88% das empresas consideram a informação contabilística importante para as decisões (níveis 6 a 10).

Também neste caso, confirma-se existir uma diferença estatisticamente significativa (valor *Mann-Whitney* = 21.953; *p-value* = 0,000) entre quem tem e não tem formação nas áreas económicas e a importância que atribui à informação contabilística.

Apesar desta diferença significativa, para a qual já se avançou com algumas explicações, constata-se ainda a elevada importância atribuída por quem não tem formação económica. Verifica-se que 85,7% dos que não têm formação nas áreas económicas atribuem um grau

de importância à informação contabilística entre 6 e 10. O mesmo grau de importância é atribuído por 92,4% daqueles que têm formação nas áreas económicas.

#### **4.3.2 – Não utilizadores da informação contabilística**

Com o inquérito também se pretendeu aferir o porquê dos decisores não considerarem a informação gerada pela contabilidade na tomada de decisão.

Foram colocadas algumas questões com o intuito de se tentar entender os motivos pelos quais os tomadores de decisões não utilizam a informação contabilística. Para o efeito, solicitou-se aos inquiridos que numa escala de 1 a 5 (onde 1 era discordo totalmente e 5 concordo totalmente) identificassem o seu nível de concordância relativamente ao conjunto de afirmações do grupo das questões 21 e 22.

Neste ponto analisa-se um conjunto de questões (quadro 4.8<sup>12</sup>) para as quais se realizou o teste de confiabilidade, obtendo-se um *Alfa de Cronbach* de 0,717, para N = 117, o que indica uma fiabilidade aceitável. Removeram-se do teste as variáveis n.º 8 e 12 por apresentarem uma reduzida correlação com as restantes. Estas variáveis são analisadas no ponto 4.4.

As questões 1 a 7 procuram determinar as causas da não utilização. As questões 8 a 14 têm como objetivo perceberem que fatores, a não existir, conduziriam à sua utilização.

---

<sup>12</sup> O conjunto do quadro apresenta-se no apêndice 2.

**Quadro 4.8 - Causas da não utilização da informação da contabilidade**

	1		2		3		4		5		$\bar{x}$	$\sigma$	$\sigma^2$
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
1-Não necessito da informação da contabilística para tomar decisões na empresa	25	21,37	21	17,95	18	15,38	40	34,19	13	11,11	2,96	1,35	1,83
2-O responsável da contabilidade não entrega informação ou esta é insuficiente	38	32,48	27	23,08	17	14,53	26	22,22	9	7,69	2,50	1,35	1,82
3-A linguagem e a forma como é apresentada a informação contabilística é difícil de entender	20	17,09	17	14,53	16	13,68	38	32,48	26	22,22	3,28	1,41	1,98
4-A informação da contabilidade não é de confiança	66	56,41	24	20,51	20	17,09	4	3,42	3	2,56	<u>1,75</u>	1,02	1,05
5-A informação da contabilidade não é entregue em tempo útil	35	29,91	18	15,38	24	20,51	20	17,09	20	17,09	2,76	1,47	2,17
6-Desconheço as potencialidades da informação contabilística	25	21,37	21	17,95	22	18,80	33	28,21	16	13,68	2,95	1,37	1,88
7-Como trabalhador ativo na empresa existe pouca disponibilidade para o trabalho de gestão	22	18,80	18	15,38	20	17,09	41	35,04	16	13,68	3,09	1,35	1,81
9-Com uma linguagem e apresentação mais simples passaria a utilizar a informação contab.	8	6,84	7	5,98	30	25,64	33	28,21	39	33,33	3,75	1,18	1,39
10-Para compreender melhor a informação, é importante ter alguns conhecimentos em Contabilidade de Gestão e Finanças	5	4,27	6	5,13	8	6,84	54	46,15	44	37,61	<b>4,08</b>	1,02	1,04
11-Com conhecimentos em Contabilidade de Gestão e Finanças seria possível obter melhores resultados na empresa	11	9,40	17	14,53	20	17,09	44	37,61	25	21,37	3,47	1,24	1,54
13-O responsável da contabilidade não conhece a realidade da empresa, logo não pode dar uma informação adequada	34	29,06	23	19,66	12	10,26	37	31,62	11	9,40	2,73	1,41	1,99
14-Não são apresentados todos os elementos da empresa à contabilidade, logo a informação não é fiável	63	53,85	20	17,09	14	11,97	15	12,82	5	4,27	1,97	1,25	1,57

Para os não utilizadores da informação contabilística a principal razão apontada são as limitações quanto aos conhecimentos em Contabilidade, Gestão e Finanças (a não existir poderia conduzir à sua utilização), o que parece ser consentâneo, visto que 80% não são das áreas económicas. Apesar dos decisores deste grupo não utilizarem a informação contabilística 84% dos respondentes têm noção de que para compreender melhor a informação é importante ter alguns conhecimentos em Contabilidade, Gestão e Finanças, sendo que 59% acreditam que com conhecimentos nestas matérias, seria possível obter melhores resultados na empresa.

Nos outros aspetos, conforme se apercebe pelas médias encontradas em torno do ponto médio da escala (3), não há um sentido claro na razão.

Embora 45% dos que não utilizam sejam taxativos em concordarem com a afirmação de que não necessitam da informação contabilística para tomarem decisões, pela análise direta dos resultados obtidos neste grupo de questões, não existem evidências claras do motivo concreto pelo qual o responsável pelas decisões não se apoia nessa informação.

Pela dispersão de respostas nas diferentes afirmações, as causas pela não utilização deste tipo de informação são várias, sendo que o motivo que reúne mais consenso, embora sem grande peso, corresponde à dificuldade em entender a linguagem e a forma como é apresentada a informação (questão 3). Esta ideia é reforçada pela questão 9, em que 61,5% dos respondentes indicam que com uma linguagem e apresentação mais simples já passariam a utilizar a informação contabilística.

O TOC não aparenta ser um causador pelo qual os decisores não usam a informação. 77% discordam que a informação contabilística não é confiança (questão 4) e apenas 30% apontam que o responsável da contabilidade não entrega a informação, ou que esta é insuficiente.

#### **4.4 – Utilizadores e não utilizadores – aspetos gerais**

Neste ponto, analisa-se alguns aspetos gerais relacionados com a contabilidade, designadamente:

- Utilização da contabilidade como meio para apurar impostos (Questões 19, 21 e 22)
- A confiança no TOC (Questões 19 e 22)
- Fatores para a tomada de decisão (Questões 23 e 25)
- Importância relativa dos utilizadores (Questão 24)

##### Utilização da contabilidade como meio para apurar impostos

Como se pode verificar no quadro 4.9, os não utilizadores valorizam mais a informação contabilística para efeitos fiscais. Compreende-se este resultado porque enquanto os não utilizadores têm uma visão utilitarista da informação contabilística mais restrita (associada às obrigações legais em torno dos impostos), os utilizadores interpretam essa utilidade num sentido mais lato enquanto instrumento de apoio à decisão.

**Quadro 4.9 - Contabilidade como meio para apurar impostos**

	Informação contabilística um meio para apurar impostos	
	Utilizadores	Não utilizadores
Média	3,50	4,03
N	492	117
Desvio padrão	1,413	1,181

A confiança no TOC

À semelhança dos que utilizam a informação contabilística parece existir um elevado grau de confiança com quem prepara a contabilidade. Os dados revelam que os utilizadores têm um maior índice de confiança e apresentam um menor grau de dispersão nesta opinião. Contudo confirma-se que os profissionais da contabilidade têm um elevado crédito, em termos médios, junto dos inquiridos.

**Quadro 4.10 - Relação de confiança com o TOC**

	Tem relação confiança com o TOC	
	Utilizadores	Não utilizadores
Média	4,68	4,30
N	492	117
Desvio padrão	,618	,931

Fatores para a tomada de decisão

Neste ponto teve-se em conta aspetos relacionados com o decisor, a empresa e com a envolvente.

Na tentativa de observar alguns aspetos, relativos ao decisor, que possam ter influência no processo de decisão, solicitou-se aos inquiridos para classificarem o grau de importância de vários fatores numa escala de 1 a 5 que varia entre nada importante e muito importante. O *alfa de Cronbach* dos itens da questão 23 obteve um resultado de 0,661 o que é considerado ainda dentro do limite do aceitável.

Da análise das respostas, verificou-se que o fator ao qual é atribuído maior grau de importância, na tomada de decisão, à semelhança dos estudos de Taylor (1975) e İbicioğlu *et al.* (2010), é a experiência profissional, sendo que 97,6% dos respondentes consideram este fator importante ou muito importante. Segue-se a formação pessoal e académica, com 82,3%. O terceiro fator que tem maior impacto nas decisões, encontrando-se nos lugares cimeiros como evidenciado por Atrill e McLaney (2010), é a informação contabilística e o TOC, sendo que 78,8% consideram esse fator importante ou muito importante, seguindo-se o conselho de outros profissionais (advogado, economistas, etc.) com uma taxa de 70,1%. Quando tomam decisões, os responsáveis concedem um muito menor grau de importância à intuição, aos meios de comunicação e aos conselhos de terceiros (amigos, familiares, etc.).

Os aspetos da envolvente interna e externa relacionados com a tomada de decisão são objeto da questão 25 que apresenta um *alfa de Cronbach* de 0,734 o que é considerado aceitável.

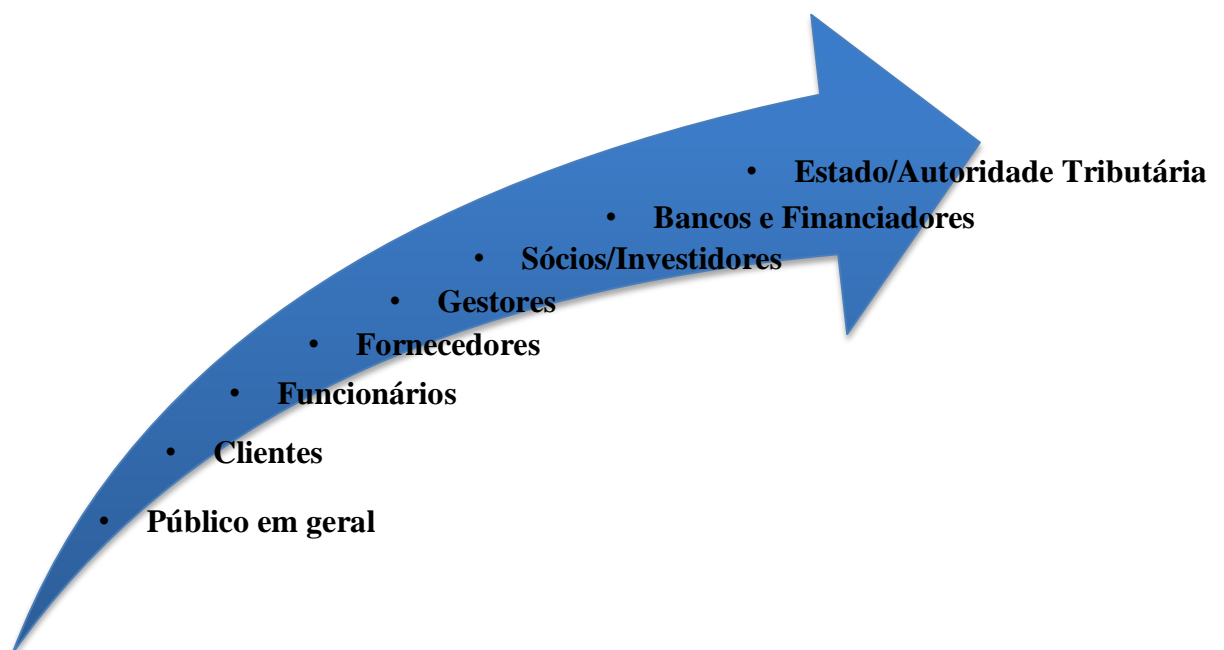
Dos fatores externos (económicos, políticos, sociais e ambientais) são os económicos os mais valorizados (90,5%) como influenciadores no processo de decisão. Aos fatores internos (resultados, tesouraria e nível de endividamento) é-lhes atribuída uma elevada

influência para a tomada de decisões - tesouraria 93,3%, resultados e nível de endividamento 92%.

#### Importância relativa dos utilizadores

Tendo como referência os utilizadores aludidos na Estrutura Conceptual (EC) foi solicitado aos inquiridos que os ordenassem por ordem de interesse, sendo que no caso em concreto a opção 1 seria o utilizador de maior interesse e opção 8 de menor. As respostas obtidas conduziram ao resultado apresentado na seguinte figura:

**Figura 4.1** - Importância atribuída aos utilizadores



Observa-se uma divergência entre a opinião dos responsáveis das empresas sobre os interessados na informação contabilística e o vertido na EC. A EC não privilegia explicitamente nenhum utilizador em particular, listando-os numa ordem em que coloca no topo os investidores, empregados e os mutuantes e no fim o Governo e o público. Os

decisores das ME consideram que os utilizadores que têm maior interesse na informação é o Estado e Autoridade Tributária e Aduaneira seguido dos bancos e financiadores. Enquanto a EC trata de igual forma, em abstrato, os interesses dos utilizadores, os decisores têm uma visão pragmática dos potenciais utilizadores.

#### **4.5 – O custo da contabilidade na empresa**

Neste ponto analisa-se até que ponto as empresas qualificam a contabilidade como um custo, ou alternativamente como uma mais-valia.

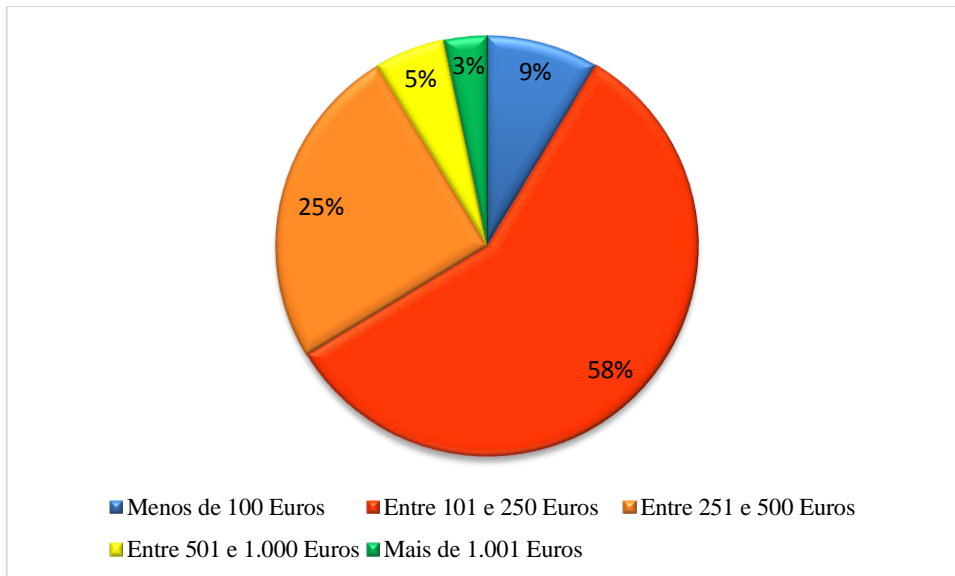
Na vida da empresa podem existir práticas que podem ser um entrave ao exercício da sua própria atividade sendo prejudicial para a sua saúde financeira. Este conceito denomina-se “custo de contexto” ou “*red tape*” em inglês e traduz-se no excesso de regulação, formalidades e burocratização (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, EPE, 2013). O Banco Mundial (2013) classifica 185 países em *ease of doing business*, sendo que para o ano de 2013 Portugal ocupava o 30º lugar.

A contabilidade nas empresas, nomeadamente de pequena dimensão, pode ser apontada como um custo de contexto (Stans, 1946). Com base nesta premissa, procurou-se analisar alguns aspetos que pudessem eventualmente dar suporte à ideia que a contabilidade é um custo de contexto principalmente para as ME.

Numa primeira análise, procura-se determinar se os gerentes/administradores consideram a contabilidade na ótica do custo, uma mais-valia ou um custo desnecessário. Desta questão, resultou que 85,40% das ME consideram a contabilidade uma mais-valia.

No gráfico 4.10 observa-se o custo mensal com a contabilidade, com IVA incluído<sup>13</sup>, suportado pelas empresas inquiridas.

**Gráfico 4.10 - Custo mensal com a contabilidade**



Verifica-se que 66% das empresas suportam um custo mensal com a contabilidade inferior a 250,00€, com IVA incluído, ou seja, no final do ano, a contabilidade tem um peso de não mais de 2.440,00€ na rubrica de gastos dessas empresas.

Ainda assim, quando os gerentes/administradores são questionados sobre o nível do custo com a contabilidade, 27,6% consideram que têm um custo elevado e 6% consideram o custo muito elevado. No entanto, 59% admitem que o custo não é nem elevado, nem reduzido, sendo que consideram um valor justo.

Outra das questões colocadas visava aferir se os gerentes/administradores consideravam o TOC um criador de valor para a empresa. Esta ideia tem sido uma constante nos

<sup>13</sup> A taxa de IVA em vigor é de 23%.

discursos do bastonário da OTOC mas, não obstante o cariz dessa afirmação, as empresas é que devem ser os derradeiros avalistas.

O resultado obtido é revelador porquanto 64% das empresas consideram o TOC um criador de valor. Contudo esta questão é merecedora de maior análise a fim de determinar a sustentabilidade da afirmação.

Numa das últimas questões do inquérito, apresentam-se algumas afirmações a fim de determinar a perceção dos gerentes/administradores quanto à relação preço/qualidade da contabilidade. Cerca de 73% dos respondentes concordam que preferem pagar mais por um serviço de contabilidade, para obter uma informação de qualidade e de confiança. Este resultado é consistente com o obtido na questão (preferem pagar menos por um serviço de contabilidade desde que sejam cumpridas as obrigações mínimas essenciais), ressaltando-se a ideia que a contabilidade é a percecionada para além da sua função fiscal.

No decorrer da atividade das empresas podem surgir situações de insuficiência de tesouraria. Nessas circunstâncias têm de optar por efetuar uns pagamentos em detrimento de outros. Nesta ótica, perguntou-se aos gerentes/administradores se tiveram de fazer uma opção deste género a fim de cumprir com o pagamento do serviço de contabilidade. O serviço de contabilidade não aparenta ser um grande motivo para as empresas prescindirem de outras operações pois apenas 23% das empresas concordam com essa afirmação.

Por último, foi colocada a seguinte questão: sendo a contabilidade uma imposição legal, se não fosse obrigatória, continuariam a ter esse serviço? Para esta questão, obteve-se

uma taxa de 64,4% a responderam que sim. Apesar de 19% não utilizarem a informação contabilística na gestão e 14,6% considerarem a contabilidade um custo desnecessário, somente 12% são veementes em afirmar que não mantinham esse serviço caso não fosse obrigatório. Este indicador acaba por ser um sinal positivo para aqueles que são mais céticos quanto à opinião de que a contabilidade tem utilidade para as ME.

Numa última análise, efetuou-se uma tabulação cruzada entre mais duas variáveis de interesse, procurando avaliar a perceção da utilidade da contabilidade na ótica do custo segundo os que utilizam ou não utilizam a informação contabilística. Obtiveram-se os seguintes resultados, que evidenciam diferenças estatisticamente significativas (valor qui-quadrado = 70,819; *p-value* = 0,000):

**Quadro 4.11** - Utilidade da contabilidade na ótica do custo

			Contabilidade - Custo desnecessário ou mais-valia?		Total
			Um custo desnecessário	Uma Mais-valia	
Utilizador da informação contabilística na Gestão	Não	Contagem	46	71	117
		% em Utilizador da informação contabilística na Gestão	39,3%	60,7%	100,0%
		% em Contabilidade custo desnecessário ou mais-valia	51,7%	13,7%	19,2%
	Sim	Contagem	43	449	492
		% em Utilizador da informação contabilística na Gestão	8,7%	91,3%	100,0%
		% em Contabilidade custo desnecessário ou mais-valia	48,3%	86,3%	80,8%
Total	Contagem	89	520	609	
	% em Utilizador da informação contabilística na Gestão	14,6%	85,4%	100,0%	
	% em Contabilidade custo desnecessário ou mais-valia	100,0%	100,0%	100,0%	

### Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal Cramer's V	<b>,341</b>	,000	,000
N of Valid Cases	609		

Após constatar-se um razoável nível de associação entre as duas variáveis, o quadro 4.11 permite as seguintes conclusões:

- Das 492 ME que utilizam a informação contabilística na gestão da empresa, 91,3% consideram a contabilidade uma mais-valia.

- Das 117 ME que não utilizam informação contabilística na gestão da empresa 60,7% também considera a contabilidade uma mais-valia. Esta análise pode dar algum fundamento à conclusão efetuada no ponto 4.3.2, pois apesar de não haver uma utilização da informação contabilística na gestão, é reconhecido o valor da contabilidade, sendo que a não utilização dever-se-á mais pela sua falta de cultura na área contabilística, de gestão ou financeira.

## CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO

São vastas as referências à informação contabilística como ferramenta dos responsáveis das empresas, particularmente na tomada de decisão. Este instrumento está por norma ao dispor dos decisores, cabendo-lhes a escolha de a utilizar e ponderar a sua utilidade para a decisão.

As microempresas desempenham um papel importante na economia. Contudo, a sua realidade, em termos de dimensão, pode causar alguns constrangimentos ao acesso a determinados meios importantes às tomadas de decisão. Acresce ainda o perfil dos decisores, cujos conhecimento e perceções podem influenciar o modo como gerem as empresas.

No que concerne ao papel da informação contabilística poder-se-ia julgar que as ME não a utilizam da mesma forma que uma empresa de maior dimensão. Esta ideia é veiculada em alguns estudos, designadamente Carvalho (2013) que, com base num inquérito dirigido aos TOC, conclui que 47% desses profissionais consideram que os gestores das micro e pequenas empresas atribuem pouca ou nenhuma importância à contabilidade. No ponto de vista de 48% desses profissionais também os gestores não consideram a contabilidade como ferramenta de auxílio ao controlo interno.

Pretendeu-se através do presente estudo observar se a informação contabilística é uma ferramenta utilizada pelos gerentes/administradores das ME, se esta é considerada útil para a decisão ou, se por outro lado, não é considerada uma ferramenta necessária para a gestão. Em ambos os cenários (utilizadores ou não utilizadores) procurou-se fatores explicativos dessa opção. Nesse sentido agrupou-se um conjunto de variáveis em torno

de 3 fatores: estruturais, perfil do gerente/administrador e dados económico-financeiros da empresa, de forma a observar se influenciam as escolhas.

Utilizou-se o inquérito como instrumento de recolha de dados tendo-se validado 609 respostas.

Observou-se que a informação contabilística é utilizada por grande maioria das ME (cerca 81%). Não foi possível encontrar um motivo claro que explica a razão pela qual algumas empresas não utilizam da informação contabilística. Alguns indícios indicam os mesmos motivos apontados por Coleman (1949), há mais de 60 anos, ou seja a dificuldade em compreender e interpretar a informação. Nesse aspeto, apesar da grande maioria dos não utilizadores não terem formação nas áreas económicas, grande parte destes reconhecem que se a tivessem, a informação seria mais facilmente interpretada e sua utilização permitiria melhores resultados.

A utilização da informação contabilística está estatisticamente associada a algumas das variáveis analisadas. Evidencia-se o setor de atividade, onde se destaca o setor secundário com maior percentagem de utilizadores e o primário com menor. Justifica-se esta preponderância pela natureza das necessidades de gestão associadas a este setor, onde a contabilidade financeira e gestão são instrumentos indispensáveis para a gestão do negócio.

Outra variável relevante é a longevidade das empresas. Constata-se que as empresas mais antigas (84%) tendem a utilizar mais a informação contabilística o que pode ser explicado

pelos fatores de experiência e aprendizagem. Contudo as empresas jovens (com menos de 5 anos) também a utilizam numa percentagem significativa (73%).

Identificou-se também o papel do gerente/administrador na opção de utilizar ou não a informação contabilística e da utilidade que lhe atribui nos processos de decisão. Confirma-se que a formação nas áreas económicas é um aspeto determinante, quer para a utilização da informação contabilística, quer na utilidade que lhe atribui nos diversos tipos de decisão. Os gestores com formação económica são uma minoria no conjunto dos inquiridos (32%), pelo que a maioria das empresas é gerida por indivíduos com formação noutras áreas. Tal não impede que a contabilidade seja utilizada como instrumento de gestão pela maioria deste grupo de responsáveis (77,6%).

Outro aspeto que se pode relacionar diretamente com a utilização da informação contabilística é a dimensão da empresa medida neste estudo pelo número de trabalhadores. Esta relação é expectável porque as empresas de menor de dimensão têm menos necessidade de informação e menor capacidade de suportar o custo associado à sua obtenção.

São ainda de realçar quatro aspetos relevantes. A maioria dos inquiridos atribui à contabilidade uma finalidade mais ampla que o mero apuramento de impostos. Esta função específica é mais valorizada por aqueles que não utilizam a informação.

O segundo refere-se ao nível confiança existente com o TOC, sendo que apesar da maioria dos inquiridos confiarem nestes profissionais, os que utilizam a informação contabilística apresentam uma maior relação de confiança. Compreende-se estes resultados pela relação

profissional que naturalmente se estabelece entre quem prepara e quem utiliza a informação. Note-se que a maioria da informação preparada é financeira e produzida externamente (73%).

Relativamente ao terceiro aspeto, conclui-se que nas decisões, apesar da informação contabilística ser também manifestamente importante, a experiência profissional continua a ser considerada, a par de outros estudos, o fator mais importante. Relativiza-se aqui o papel da contabilidade, contudo a experiência profissional é um compósito de conhecimento de natureza muito variável pelo que presume-se que integre conhecimentos obtidos ao longo do tempo, incluindo os de natureza financeira e contabilística.

Observa-se também que o Estado é identificado como o principal interessado na informação contabilística. Este resultado é contrário ao esperado porque se admitia ser os proprietários da empresa os principais interessados na informação contabilística.

A primazia dada ao Estado reflete o esforço que as entidades têm de fazer para satisfazer as exigências legais. Este resultado aparenta ser contraditório com a resposta à questão da finalidade da contabilidade ser o apuramento de imposto. Entende-se que não, porque enquanto a contabilidade é vista numa perspetiva mais geral, o Estado está presente no quotidiano das empresas.

Por fim, observa-se que a contabilidade é considerada uma mais-valia por quase todas as empresas inquiridas e grande parte delas considera que mesmo que esse serviço não fosse de carácter obrigatório continuariam a recorrer ao mesmo. Assim, tudo indica que é

reconhecida a importância da contabilidade para o desempenho das funções dos responsáveis das empresas.

Em suma, os resultados obtidos neste estudo indicam claramente a utilidade da contabilidade como fonte de informação, sendo que resultam evidências que os gerentes/administradores necessitam de desenvolver conhecimentos nas áreas económicas a fim de fortalecer a sua capacidade de gestão. Atendendo que as ME desempenham um papel preponderante na economia, os decisores políticos deverão ponderar se o futuro da contabilidade passará mesmo pela redução das suas funções nas empresas, ou se deverão incentivar e apoiar a cultura contabilística dos empresários para que estes possam desenvolver modelos de gestão mais sustentáveis e assim conduzir a melhores resultados.

A ironia de se realizar um estudo empírico é saber mais sobre o tema em estudo no final do trabalho, que a assim ser conduziria a outros caminhos. Esse sentimento é essencial ser transmitido a futuros investigadores, em trabalhos semelhantes a este, em particular. Importa referir que deve haver um grande conhecimento do contexto das empresas de forma a serem apresentadas as questões mais adequadas aos objetivos do estudo e disponibilizar a ferramenta de recolha num prazo mais alargado com o intuito de se obter o maior número resultados. Apesar da abordagem aos participantes ter-se mostrado frutífera, notou-se um grande desinteresse por parte das empresas em querer participar na investigação. No caso de universos elevados, a utilização de vários métodos de recolha pode revelar-se útil.

A principal limitação a assinalar prende-se com a própria ferramenta de recolha. A utilização de inquéritos à distância não permite certificar se quem respondeu é realmente a pessoa desejada pelo que se tem partir do pressuposto que as respostas dadas são dos sujeitos do estudo. Não sendo, podem ocorrer enviesamentos que não são desejáveis para um estudo empírico.

O presente estudo incidiu sobre a utilização da informação contabilística e a opinião dos gerentes/administradores sobre a sua utilidade na gestão. No seguimento dos resultados obtidos, ou num âmbito semelhante ao deste trabalho, revelar-se-ia útil observar em que medida a utilização da informação contabilística conduz à obtenção dos resultados desejados, e ainda, a melhores resultados para a empresa.

Espera-se que os resultados obtidos neste estudo possam contribuir para comunidade científica, académica bem como a todos os profissionais de interesse.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramson, C., I. S. Currim e R. Sarin (2005) An Experimental Investigation of the Impact of Information on Competitive Decision Making, *Management Science*, 51-2, 195-207.

Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, AIECP Portugal Global, E.P.E. Perguntas frequentes - Custos de contextos. [online] Disponível em URL: <<http://www.portugalglobal.pt/PT/InvestirPortugal/servicosapoioaoinvestidor/custosdec ontexto/Paginas/PerguntasFrequentes1.aspx>>. Acedido em 26/12/2013

Albaum, G. (1964) Horizontal Information Flow: An Exploratory Study, *The Academy of Management Journal*, 7-1, 21-33.

Albaum, G. (1997) The Likert scale revisited: An alternate version, *Journal of the Market Research Society*, 39-2, 331-348.

Alves, M. C. G. (2008) A Contabilidade nas decisões de Gestão dos dirigentes Portugueses, *Revista Universo Contábil*, 4-3, 124-137.

Anseel, F., F. Lievens, E. Schollaert e B. Choragwicka (2010) Response rates in organizational science, 1995–2008: A meta-analytic review and guidelines for survey researchers, *Journal of Business and Psychology*, 25-3, 335-349.

Arnold, J. e T. Hope (1983) *Accounting for management decisions*, London, Prentice Hall International.

Arnold, J. e S. Turley (1996) *Accounting for management decisions*, 3<sup>rd</sup> Edition London, Prentice Hall Europe.

Atrill, P. e E. McLaney (2005) *Management Accounting for decision making*, 4<sup>th</sup> Edition England, Pearson Education.

Atrill, P. e E. McLaney (2010) *Financial Accounting for Decision Makers*, 6<sup>th</sup> Edition England, Pearson Education.

Banco de Portugal. Análise Setorial das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2011/2012. Estudos da Central de Balanços. [online]. Novembro de 2012. Disponível em URL: <[http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalancos/Publicacoes/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Estudos%20da%20CB%208\\_2012.pdf](http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalancos/Publicacoes/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Estudos%20da%20CB%208_2012.pdf)> Acedido em 03/01/2013

Banco Mundial (The World Bank). Doing Business 2013. Publicação anual [online]. The World Bank and the International Finance Corporation, Washington. 2013. Disponível em URL: <<http://www.doingbusiness.org/~media/GIAWB/Doing%20Business/Documents/Annual-Reports/English/DB13-full-report.pdf>>. ISSN 978-0-8213-9624-7. Acedido em 04/01/2014

Belkaoui, A. R. (1997) *Accounting Theory*, Third Edition London, The Dryden Press.

- Belkaoui, A. e A. Cousineau (1977) Accounting Information, Nonaccounting Information, and Common Stock Perception, *The Journal of Business*, 50-3, 334-342.
- Blommaert, A. M. M., J. M. J. Blommaert e R.S. Hayes (1991) *Financial decision making, an introduction to Managerial Accounting, Financial Accounting and Financial Management*, Great Britain, Prentice Hall International.
- Bourgeois, L. J., III (1985) Strategic Goals, Perceived Uncertainty, and Economic Performance in Volatile Environments, *The Academy of Management Journal*, 28-3, 548-573.
- Branch, B. (1978) The Impact of Operating Decisions on ROI, *Financial Management*, 7-4, 54-60.
- Bruns, W. J. Jr. (1968) Accounting Information and Decision-Making: Some Behavioral Hypotheses, *The Accounting Review*, 43-3, 469-480.
- Caplan, E. H. (1966) Behavioral assumptions of management accounting, *The Accounting Review*, 41-3, 496-509.
- Carqueja, H. O. (2002) Actividade Contabilística até Luca Pacioli, *Revista de Contabilidade e Comércio*, nº 231, 699-752.
- Carvalho, C .A. L. (2013) Procedimentos contabilísticos e controlo interno, Tese de Mestrado não publicada, ISCAP-Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.
- Coleman, R. W. (1949) The role of Accounting in Management, *The Accounting Review*, 24-2, 179-183.
- Collier, P. M. (2003) *Accounting for managers: Interpreting Accounting information for decision making*, England, Wiley.
- Comissão Europeia. Recomendação da Comissão de 6 de Maio de 2003 relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas, n.º 2003/361/CE. [online]. 20 de Maio de 2003. Disponível em URL: < <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2003:124:0036:0041:PT:PDF>>. Acedido em 07/11/2013
- Comissão Europeia. Regulamento (CE) N.º 1059/2003 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à instituição de uma Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas (NUTS). [online]. 26 de Maio de 2003. Disponível em URL: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CONSLEG:2003R1059:20081211:PT:PDF>>. Acedido em 30/12/2013
- Comissão Europeia. “Think Small First” A “Small Business Act” for Europe. [online]. Bruxelas. Junho de 2008. Disponível em URL: < <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2008:0394:FIN:EN:PDF>>. Acedido em 23/12/2013

Comissão Europeia. Amending Council Directive 78/660/EEC on the annual accounts of certain types of companies as regards micro-entities. [online]. Bruxelas. Fevereiro de 2009. Disponível em URL: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2009:0083:FIN:PT:PDF>>. Acedido em 12/12/2012

Comissão Europeia. SBA Fact Sheet-Portugal 2010/2011. [online]. Bruxelas. Outubro de 2011. Disponível em URL: <[http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/facts-figures-analysis/performance-review/files/countries-sheets/2010-2011/portugal\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/facts-figures-analysis/performance-review/files/countries-sheets/2010-2011/portugal_en.pdf)>. Acedido em 11/09/2013

Comissão Europeia. Minimizing regulatory burden for SMEs Adapting EU regulation to the needs of micro-enterprises. [online]. Bruxelas. Novembro de 2011. Disponível em URL: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2011:0803:FIN:EN:PDF>>. Acedido em 12/06/2013

Comissão Europeia. DIRETIVA 2013/34/UE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO. [online]. Bruxelas. Junho de 2013. Disponível em URL: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2013:182:0019:0076:PT:PDF>>. Acedido em 23/12/2013

Correia, M. L. A (2013) Publicada finalmente a nova Diretiva da contabilidade, *Revisores e Auditores*, Abril-Junho, 46-54.

Couper, M. P. (2000) Web Surveys: A Review of Issues and Approaches, *The Public Opinion Quarterly*, 64-4, 464-494.

Culpepper, R. C. (1970) A study of some relationships between Accounting and Decision making processes, *The Accounting Review*, 45-2, 322-332.

Cummins, R. A. e E. Gullone (2000) Why we should not use 5-point Likert scales: The case for subjective quality of life measurement. Proceedings, Second International Conference on Quality of Life in Cities, *National University of Singapore*, 74-93.

Davenport, T. H. (2009) Make better decisions, *Harvard Business Review*, November, 1-7.

Davidson, H. J. e R. M. Trueblood (1961) Accounting for Decision-Making, *The Accounting Review*, 36-4, 577-582.

Dawes, J. (2008) Do data characteristics change according to the number of scale points used? An experiment using 5-point, 7-point and 10-point scales, *International Journal of Market Research*, 50-1, 61-77.

Dean, J. W., Jr. e M. P. Sharfman (1996) Does Decision Process Matter? A Study of Strategic Decision-Making Effectiveness, *The Academy of Management Journal* 39-2, 368-396.

Demski, J. S. (1994) *Managerial uses of Accounting information*, Massachusetts, Kluwer Academic Publishers.

Dewhurst, J. e R. S. Hayes (1993) *Small Business Management*, 3<sup>rd</sup> Edition England, The Macmillan Press.

Eilon, S. (1969) What is a decision?, *Management Science*, 16-4, B172-B189.

Fowler, F. J. (2009) *Survey Research Methods*, 4<sup>th</sup> Edition USA, Sage Publication Inc.

Francis, J. e K. Schipper (1999) Have Financial Statements Lost Their Relevance? *Journal of Accounting Research*, 37-2, 319-352.

Fredrickson, J. W. (1986) The Strategic Decision Process and Organizational Structure, *The Academy of Management Review*, 11-2, 280-297.

Gynther, R. S. (1967) Accounting concepts and behavioral hypotheses, *The Accounting Review*, 42-2, 274-290.

Hendriksen, E. S e M. F. Van Bredo (1992) *Accounting Theory*, 5<sup>th</sup> Edition USA, McGraw-Hill.

Hill, M. M. e A. Hill (2005) *Investigação por questionário*, 2<sup>a</sup> Edição Lisboa, Edições Sílabo.

gestor In Infopédia [Online]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em URL: < <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/gestor>>. Acedido em 2013-08-04.

gerente In Infopédia [Online]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em URL: < <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/gerente>>. Acedido em 2013-08-04.

Gowthorpe, C. e O. Amat (2005) Creative Accounting: Some Ethical Issues of Macro- and Micro-Manipulation, *Journal of Business Ethics*, 57-1, 55-64.

Griffith, A. (2010) *SPSS for Dummies*, 2<sup>nd</sup> Edition Indiana, Wiley Publishing Inc.

Guler, I. (2007) Throwing Good Money after Bad? Political and Institutional Influences on Sequential Decision Making in the Venture Capital Industry, *Administrative Science Quarterly*, 52, 248-285.

Hake, E. R. (2005) Financial Illusion: Accounting for Profits in an Enron World, *Journal of Economic Issues*, 39-3, 595-611.

Hayes, D. C. (1977) The Contingency Theory of Managerial Accounting, *The Accounting Review*, 52-1, 22-39.

Hopwood, A. G. (1972) An Empirical Study of the Role of Accounting Data in Performance Evaluation, *Journal of Accounting Research*, 10, 156-82.

INE-Instituto Nacional de Estatística, IP. Empresas em Portugal 2011. Publicação anual [online]. INE-Instituto Nacional de Estatística, IP, Lisboa. Março 2013. Disponível em URL:<[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=153408436&PUBLICACOESstema=55579&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=153408436&PUBLICACOESstema=55579&PUBLICACOESmodo=2)>. ISSN 0872-9514. Acedido em 09/05/2013

INE-Instituto Nacional de Estatística, IP. Empresas em Portugal – Perfil das Sociedades-2011. [online]. Lisboa. 31 de Maio de 2013. Disponível em URL: <[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=159702402&DESTAQUESTema=55579&DESTAQUESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=159702402&DESTAQUESTema=55579&DESTAQUESmodo=2)>. Acedido em 12/06/2013

INE-Instituto Nacional de Estatística, IP. Estatísticas dos Serviços Prestados às Empresas 2011. Publicação anual [online]. INE-Instituto Nacional de Estatística, IP, Lisboa. Dezembro 2012. Disponível em URL: <[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOE\\_Spub\\_boui=149182837&PUBLICACOESTema=00&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOE_Spub_boui=149182837&PUBLICACOESTema=00&PUBLICACOESmodo=2)>. ISSN 1645-2513. Acedido em 14/06/2013

Informa D&B, Barómetro Empresarial Empreendedorismo – Empreender é fazer mais (2012). [online]. <<https://www.informadb.pt/biblioteca/index2.html>> Acedido em 13/06/2013

Informa D&B, Barómetro Empresarial – Tecido empresarial em Portugal 2012. [online]. Janeiro 2013 <[https://www.informadb.pt/biblioteca/ficheiros/22\\_Tecido\\_empresarial\\_em%20Portugal\\_1\\_2012.pdf](https://www.informadb.pt/biblioteca/ficheiros/22_Tecido_empresarial_em%20Portugal_1_2012.pdf)> Acedido em 25/06/2013

Johnson, H. T. e R. S. Kaplan (1987) *Relevance lost: the rise and fall of Management Accounting*, Massachusetts, Harvard Business School Press.

Ijiri, Y. e R. K. Jaedicke (1966) Reliability and Objectivity of Accounting Measurements, *The Accounting Review*, 41-3, 474-483.

İbicioğlu, H., T. Kocabiyic e H. Dalğar (2010) Financial Statement utilization during decision making process in SMEs: A comparative study on European and Turkish managers, *I.I.B.F Dergisi*, Volume XXVIII, 209-226.

Kanodia, C. (1982) Discussion of Models in Managerial Accounting, *Journal of Accounting Research*, 20, 153-160.

Kaplovitz, M. D., T. D. Hadlock e R. Levine (2004) A Comparison of Web and Mail Survey Response Rates, *The Public Opinion Quarterly*, 68-1, 94-101.

Kasten, J. (2007) Knowledge strategy and its influence on knowledge organization, *Proceedings of the North American Symposium on Knowledge Organization*, 1, 44-54.

Keasy, K. e H. Short (1990) The Accounting burdens facing small firms: An empirical research note, *Accounting and Business Research*, 20-80, 307-313.

Laureano, R. M. S. (2011) *Testes de hipóteses com o SPSS - O meu manual de consulta rápida*, Lisboa, Edições Sílabo.

Leeuw, E., J. Hox, e D. Dillamn (2008) *International handbook of survey methodology*, USA, Taylor & Francis Group, LLC.

Lei nº 67/98. D.R. I Série A (26/10/1998) 5536-5546.

Litchfield, E. H. (1956) Notes on a General Theory of Administration, *Administrative Science Quarterly*, 1-1, 3-29.

Lucena, W. G. L., M. T. C Vasconcelos e G. F. Marcelino (2011) A Evidenciação das Informações Contábeis Geradas pelas Micro e Pequenas Empresas no Processo Decisório: Um Estudo no Setor de Confecções, *REUNIR – Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade*, 1-1, 35-51.

Lundberg, C. C. (1962) Administrative decisions, A scheme for analysis, *The Journal of the Academy of Management*, 5-2, 165-178.

Marriott, N. e P. Marriott (2000) Professional accountants and the development of a management accounting service for the small firm: barriers and possibilities, *Management Accounting Research*, 11, 475–492.

Martin, A. (1971) An Empirical Test of the Relevance of Accounting Information for Investment Decisions, *Journal of Accounting Research*, 9, 1-31.

Meigs, W. B., R. Meigs, e W. P. Lam (1987) *Accounting – The Basis for Business Decisions*, 5<sup>th</sup> Edition USA, McGraw-Hill.

Mertler, C. (2002) Demonstrating the Potential for Web-based Survey Methodology with A Case Study, *American Secondary Education*, 30-2, 49-61.

Ministério das Finanças e da Administração Pública (2009) Aviso 15652/2009 de 27 de Agosto de 2009. Diário da República, 2.<sup>a</sup> série — N.º 173 7 de Setembro de 2009, 36227-36234.

Mintzberg, H., D. Raisinghani e A. Théorêt (1976) The structure of “unstructured” Decision Process, *Administrative Science Quarterly*, 21-2, 246-275.

Moreira, J. M. (2009) *Questionários: Teoria e Prática*, Coimbra, Edições Almedina.

Nandan, R. (2010) Management Accounting Needs of SMEs and the Role of Professional Accountants: A Renewed Research Agenda, *Journal of applied Management Accounting research*, 8-1, 65-78.

Napier, C. J. (2006) Accounts of change: 30 years of historical accounting research, *Accounting, Organizations and Society*, 31 (4-5), 445-507.

Nunes, L. C. F. e Z. M. S. Serrasqueiro (2004) A informação contabilística nas decisões financeiras das pequenas empresas, *Revista Contabilidade & Finanças*, Setembro/Dezembro 36, 87-96.

Ohlson, J. (1972) Analysis of the Usefulness of Accounting Data for the Portfolio Decision: A Decision-Theory Approach, *Journal of Accounting Research*, 10, 45-84

Ohlson, J. A. e G. Buckman (1980) Toward a Theory of Financial Accounting, *The Journal of Finance*, 35-2, 537-547.

- Okoh, L. O. e P. Uzoka (2012) The Role of Accounting Information in the Survival of Small Scale Businesses in Warri, Delta State, Nigeria, *International Journal of Economic Development Research and Investment*, 3-1, 40-44.
- Palmer, D. E. (2005) Pop-Ups, Cookies, and Spam: Toward a Deeper Analysis of the Ethical Significance of Internet Marketing Practices, *Journal of Business Ethics*, 58-1/3, 271-280.
- Papadakis, V. M., S. Lioukas e D. Chambers (1998) Strategic Decision-Making Processes: The role of Management and context, *Strategic Management Journal*, 19, 115-147.
- Schmidt, W. C. (1997) World-Wide Web survey research: Benefits, potential problems, and solutions, *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, 29(2), 274-279.
- Serrasqueiro, Z. e P. M. Nunes (2012) Is age a determinant of SME's financing decisions? Empirical evidence using panel data models, *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36-4, 627-654.
- Silva, L. I. S. (2008) Contabilidade: Objeto, Objetivos e Funções, *Sitientibus*, 38, 79-101.
- Simon, H. A. (1977) *The New Science of Management Decision*, 3<sup>rd</sup> Revised Edition, New-Jersey, Prentice-Hall.
- Stans, M. H. (1946) What small business needs, *The Accounting Review*, XXI-4, 361-371.
- Taylor, R.N. (1975) Age and Experience as Determinants of Managerial Information Processing and Decision Making Performance, *Academy of Management Journal*, 18(1), 74-81.
- Zaccarelli, S. B. (1983) A hierarquização de decisões e sua operacionalização, *Revista de Administração*, 18(1), 17-22.
- Zhang, G. (2000) Accounting Information, Capital Investment Decisions, and Equity Valuation: Theory and Empirical Implications, *Journal of Accounting Research*, 38-2, 271-295.

# APÊNDICES

## Apêndice 1 – Questionário



### **Utilidade da Contabilidade para as Microempresas**

#### **Exmo(a). Senhor(a) Gerente/Administrador(a),**

O meu nome é Henrique Gouveia, e este inquérito foi elaborado no âmbito de um estudo conducente à elaboração de uma tese de Mestrado em Contabilidade na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, sob a orientação da Professora Dra. Cristina Gonçalves e Professor Doutor Santana Fernandes.

O principal objetivo do questionário é estudar a utilidade da informação contabilística, como ferramenta de apoio da gerência/administração na tomada de decisões nas Microempresas, em Portugal.

Entende-se como informação contabilística todos os elementos contabilísticos que auxiliam a gerência/administração nas suas decisões, facilitando o planeamento, o controlo, e avaliação do desempenho da empresa.

Este inquérito é constituído por 5 grupos, sendo os 2 primeiros relativos à caracterização da gerência/administração e da contabilidade. Com os restantes 3 grupos, o inquérito tem cerca de 30 questões que demoram aproximadamente 8 minutos a responder.

**Toda a informação prestada é de carácter confidencial.**

Obrigado pela sua colaboração!

# Caracterização da gerência/administração

## 1 Indique o número atual de sócios e de gerentes/administradores da sociedade \*

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Nenhum	1 Membro	2 Membros	3 a 5 Membros	6 a 10 Membros	Mais de 10 Membros
Sócio/Gerente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apenas sócio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apenas Gerente/Administrador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## 2 Género do gerente/administrador que preenche o inquérito \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Feminino
- Masculino

## 3 Idade do gerente/administrador que preenche o inquérito \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Entre 18-25
- Entre 26-35
- Entre 36-45
- Entre 46- 55
- Mais de 55

#### **4 Habilitações académicas do gerente/administrador que preenche o inquérito \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Até 2º Ciclo (6º Ano)
- 3º Ciclo (9º Ano)
- Ensino Secundário (12º Ano)
- Ensino Superior (Licenciatura ou Bacharel)
- Pós Graduação ou Mestrado
- Doutoramento

#### **5 Principal área de formação do gerente/administrador**

**i** Na circunstância de coexistir mais que uma área de formação indicar aquela a que mais recorre no exercício das funções (Ex.: Carpintaria, Engenharia Civil, Gestão etc.)\*

Por favor, escreva aqui a sua resposta: \_\_\_\_\_

#### **6 Anos de experiência em gerência/administração de empresas \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 5 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Entre 10 e 20 anos
- Mais de 20 anos

## 7 Procura ou já procurou frequentar cursos de formação relacionado com Gestão? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
- Não

Se escolheu SIM, passe para a folha seguinte.

## 8 Escolha os motivos porque não procura cursos de relacionados com Gestão \*

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

° Resposta era 'Não' na pergunta '7 [B7]' ( Procura ou já procurou frequentar cursos de formação relacionado com Gestão?)

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Não existe disponibilidade ou oportunidade
- Não existem recursos monetários
- Não existe interesse
- Não existe informação exterior sobre este tipo de cursos
- Outro:

## Caracterização da Contabilidade

### 9 Local onde está centralizado o serviço da contabilidade

**i** Esta questão pretende determinar onde é que é elaborada a contabilidade \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Internamente (Dentro da própria empresa)
- Externamente (Serviço de contabilidade)
- Internamente e externamente

**10 Existe algum(a) administrativo(a) ou departamento administrativo que auxilie e forneça toda a documentação para o serviço de contabilidade? \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
- Não

**11 Escolha os tipos de aplicações contabilísticas é que existem na empresa e onde é que mesma é elaborada. \***

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Internamente (Dentro da própria empresa)	Externamente (Serviço de contabilidade)	Não aplicável	Desconheço
Contabilidade Geral ou Financeira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contabilidade Analítica ou de Gestão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contabilidade orçamental	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**12 Com que periodicidade é que o responsável pela sua contabilidade lhe faculta informação contabilística \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Mensalmente
- Trimestralmente
- Semestralmente
- Anualmente
- Nunca

### **13 A informação contabilística é entregue por iniciativa do responsável pela contabilidade ou tem de ser solicitada? \***

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

- Entregue por iniciativa do responsável da contabilidade
- Entregue quando solicitada
- Ambos os casos
- Nenhum dos casos

### **14 Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa? \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
- Não

## **Utilizador da informação contabilística**

### **15 Este ponto pretende analisar em que medida tem interesse na informação Contabilística**

***Responda tanto quanto possível, de acordo com a sua experiência pessoal.***

### **Com que frequência utiliza a informação da contabilidade na gestão da empresa \***

**Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:**

° Resposta era 'Sim' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Pelo menos 1 vez por mês
- Pelo menos 1 vez por trimestre
- Pelo menos 1 vez por semestre
- Pelo menos 1 vez por ano

## 16 Selecione o tipo de informação contabilística que utiliza \*

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

° Resposta era 'Sim' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Balanço
- Demonstração de Resultados
- Fluxos de caixa
- Rácios económicos e financeiros
- Análise de desvios orçamentais
- Mapas e gráficos personalizados em folha de Excel
- Outro:

## 17 Em que medida está satisfeito com a informação da contabilidade quanto ao seu prazo de entrega e qualidade \*

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

° Resposta era 'Sim' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Muito insatisfeito	Um pouco insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Um pouco satisfeito	Muito satisfeito
Prazo de entrega	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Qualidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## 18 Escolha o seu grau de concordância nas seguintes afirmações \*

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

° Resposta era 'Sim' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
A informação da Contabilidade é importante nas decisões operacionais (do dia-a-dia)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da Contabilidade é importante nas decisões estratégicas (investimentos, novo negócio...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da Contabilidade é importante para o planeamento dos objetivos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da Contabilidade é importante para o controlo orçamental	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da Contabilidade é importante para compreender os resultados do final do ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Através da informação da contabilidade, é possível prever crises financeiras e o eventual risco de falência/insolvência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## 19 Escolha o seu grau de concordância nas seguintes afirmações \*

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

° Resposta era 'Sim' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
Tem uma relação de confiança com quem elabora a contabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da contabilidade é essencialmente um meio para apurar impostos para o Estado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O tempo despendido com o elevado número de obrigações declarativas, reduziu a qualidade da informação da contabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A utilização da informação contabilidade permite um melhor controlo da empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O uso da informação da contabilidade permite uma obtenção de melhores resultados da empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## 20 De modo geral, qual é o nível de importância que atribui à informação contabilística, quando toma decisões?

**i** Sendo que 1 é nada importante e 10 extremamente importante \*

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

° Resposta era 'Sim' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

# Não utilizador da informação contabilística

**21** Este ponto pretende analisar porque motivos, não utiliza a informação da Contabilidade

**Responda tanto quanto possível, de acordo com a sua experiência pessoal.**

**Escolha o seu grau de concordância nas seguintes afirmações**

## GRUPO I

**Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:**

° Resposta era 'Não' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
Não necessito da informação da contabilidade para tomar decisões na empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O responsável da contabilidade não entrega informação ou esta é insuficiente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A linguagem e a forma como é apresentada a informação da Contabilidade, é difícil de entender	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da contabilidade não é de confiança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da contabilidade não é entregue em tempo útil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desconheço as potencialidades da informação da contabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como trabalhador ativo na empresa, existe pouca disponibilidade para o trabalho de gestão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A informação da contabilidade, é essencialmente um meio para apurar impostos para o Estado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## 22 Escolha o seu grau de concordância nas seguintes afirmações

### GRUPO II

\*

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

° Resposta era 'Não' na pergunta '14 [C6]' ( Utiliza a informação da Contabilidade na gestão da empresa?)

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
Com uma linguagem e apresentação mais simples, passaria a utilizar a informação da Contabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para compreender melhor a informação, é importante ter alguns conhecimentos em Contabilidade de Gestão e Finanças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com conhecimentos em Contabilidade de Gestão e Finanças, seria possível obter melhores resultados na empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem uma relação de confiança com quem elabora a contabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O responsável da contabilidade não conhece a realidade da empresa, logo não pode dar uma informação adequada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não são apresentados todos os elementos da empresa à contabilidade, logo a informação não é fiável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Decisões

### 23 Quantifique o grau de importância dos seguintes fatores, na tomada de decisão \*

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Nada Importante	Pouco Importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante
Experiência profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Formação pessoal e acadêmica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conselhos de pessoas próximas (Amigos, familiares)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Intuição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Informação de meios de comunicação (rádio, TV, jornais, internet...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Informação da contabilidade e contabilista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conselhos de outros profissionais (Advogados, economistas...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### 24 Na sua opinião, quem considera ter mais interesse na informação contabilística. \*

Por favor, numere cada caixa pela ordem da sua preferência de 1 a 8

- Estado/Autoridade Tributária
- Bancos e Financiadores
- Sócios/Investidores
- Clientes
- Funcionários

- Gestores
- Fornecedores
- Público em geral

## 25 Quantifique a influência dos seguintes fatores na tomada de decisão

**1** Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada influente e 5 é muito influente \*

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	1	2	3	4	5
Fatores económicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fatores políticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fatores sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fatores ambientais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Resultados da empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A tesouraria corrente da empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O nível de endividamento da empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Custo de contexto

### 26 Vê a contabilidade como uma mais-valia para empresa, ou um custo desnecessário? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Uma Mais-valia
- Um custo desnecessário

## 27 Qual o custo que suporta mensalmente com a Contabilidade (Com IVA incluído)\*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Menos de 100 Euros
- Entre 101 e 250 Euros
- Entre 251 e 500 Euros
- Entre 501 e 1.000 Euros
- Mais de 1.001 Euros

## 28 Classifique o nível do custo que considera ter com a Contabilidade \*

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

- |                       |                       |   |                       |                       |
|-----------------------|-----------------------|---|-----------------------|-----------------------|
| Muito reduzido        | Reduzido              | Nem reduzido, nem elevado - É o valor justo | Elevado               | Muito elevado         |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/>                       | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

## 29 Considera o responsável pela contabilidade, um criador de valor para a sua empresa? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
- Não

### 30 Numa relação preço/qualidade do serviço de contabilidade, escolha o seu grau de concordância nas seguintes afirmações.\*

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Não concordo totalmente	Não concordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
Prefiro pagar mais pelo serviço de contabilidade, para ter uma informação de confiança e qualidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prefiro pagar pouco pelo serviço de contabilidade, e que sejam cumpridas as obrigações legais mínimas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prefiro pagar o mínimo possível pelo serviço de contabilidade, sujeitando-me a eventuais coimas da Autoridade Tributária por incumprimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Já deixei de ter ou fazer algo importante para a empresa, para poder cumprir com os pagamentos pelo serviço de contabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### 31 A contabilidade é uma imposição legal. Se não fosse obrigatória, continuaria a ter esse serviço? \*

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

Sim	Incerto	Não
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

# Obrigado!

31.12.2013 – 19:00

Submeter o seu inquérito  
Obrigado por ter concluído este inquérito.

## Apêndice 2 – Resultados dos testes

**Quadro 4.6 - Utilidade da informação contabilística do ponto vista dos utilizadores**

	1		2		3		4		5		$\bar{x}$	$\sigma$	$\sigma^2$
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
1-A informação da Contabilidade é importante nas decisões operacionais	17	3,46	27	5,49	63	12,80	184	37,40	201	40,85	4,07	1,03	1,06
2-A informação da Contabilidade é importante nas decisões estratégicas	8	1,63	12	2,44	31	6,30	145	29,47	296	60,16	4,44	0,85	0,72
3-A informação da Contabilidade é importante para o planeamento dos objetivos	9	1,83	8	1,63	48	9,76	171	34,76	256	52,03	4,34	0,86	0,74
4-A informação da Contabilidade é importante para o controlo orçamental	6	1,22	10	2,03	39	7,93	162	32,93	275	55,89	4,40	0,82	0,67
5-A informação da Contabilidade é importante para compreender os resultados do final do ano	4	0,81	1	0,20	12	2,44	109	22,15	366	74,39	4,69	0,61	0,37
6-Através da informação da contabilidade, é possível prever crises financeiras e o eventual risco de falência/insolvência	14	2,85	23	4,67	74	15,04	179	36,38	202	41,06	4,08	1,00	1,00
7-Tem uma relação de confiança com quem elabora a contabilidade	1	0,20	3	0,61	25	5,08	95	19,31	368	74,80	4,68	0,62	0,38
8-A informação da contabilidade, é essencialmente um meio para apurar impostos para o Estado	66	13,41	77	15,65	50	10,16	145	29,47	154	31,30	3,50	1,41	2,00

9-O tempo despendido com o elevado número de obrigações declarativas, reduziu a qualidade da informação da contabilidade	41	8,33	34	6,91	118	23,98	204	41,46	95	19,31	3,57	1,13	1,27
10-A utilização da informação contabilidade permite um melhor controlo da empresa	3	0,61	6	1,22	34	6,91	186	37,80	263	53,46	4,42	0,73	0,53
11-O uso da informação da contabilidade permite uma obtenção de melhores resultados da empresa	9	1,83	19	3,86	61	12,40	209	42,48	194	39,43	4,14	0,91	0,82

**Quadro 4.8 - Causas da não utilização da informação da contabilidade**

	1		2		3		4		5		$\bar{x}$	$\sigma$	$\sigma^2$
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
1-Não necessito da informação da contabilidade para tomar decisões na empresa	25	21,37	21	17,95	18	15,38	40	34,19	13	11,11	2,96	1,35	1,83
2-O responsável da contabilidade não entrega informação ou esta é insuficiente	38	32,48	27	23,08	17	14,53	26	22,22	9	7,69	2,50	1,35	1,82
3-A linguagem e a forma como é apresentada a informação da Contabilidade, é difícil de entender	20	17,09	17	14,53	16	13,68	38	32,48	26	22,22	3,28	1,41	1,98
4-A informação da contabilidade não é de confiança	66	56,41	24	20,51	20	17,09	4	3,42	3	2,56	1,75	1,02	1,05
5-A informação da contabilidade não é entregue em tempo útil	35	29,91	18	15,38	24	20,51	20	17,09	20	17,09	2,76	1,47	2,17
6-Desconheço as potencialidades da informação da contabilidade	25	21,37	21	17,95	22	18,80	33	28,21	16	13,68	2,95	1,37	1,88

7-Como trabalhador ativo na empresa, existe pouca disponibilidade para o trabalho de gestão	22	18,80	18	15,38	20	17,09	41	35,04	16	13,68	3,09	1,35	1,81
8-A informação da contabilidade, é essencialmente um meio para apurar impostos para o Estado	8	6,84	8	6,84	7	5,98	43	36,75	51	43,59	4,03	1,18	1,40
9-Com uma linguagem e apresentação mais simples, passaria a utilizar a informação da Contabilidade	8	6,84	7	5,98	30	25,64	33	28,21	39	33,33	3,75	1,18	1,39
10-Para compreender melhor a informação, é importante ter alguns conhecimentos em Contabilidade de Gestão e Finanças	5	4,27	6	5,13	8	6,84	54	46,15	44	37,61	4,08	1,02	1,04
11-Com conhecimentos em Contabilidade de Gestão e Finanças, seria possível obter melhores resultados na empresa	11	9,40	17	14,53	20	17,09	44	37,61	25	21,37	3,47	1,24	1,54
12-Tem uma relação de confiança com quem elabora a contabilidade	4	3,42	0	0,00	14	11,97	38	32,48	61	52,14	4,30	0,93	0,87
13-O responsável da contabilidade não conhece a realidade da empresa, logo não pode dar uma informação adequada	34	29,06	23	19,66	12	10,26	37	31,62	11	9,40	2,73	1,41	1,99
14-Não são apresentados todos os elementos da empresa à contabilidade, logo a informação não é fiável	63	53,85	20	17,09	14	11,97	15	12,82	5	4,27	1,97	1,25	1,57

## Testes Estatísticos

Quadro de identificação das variáveis

Grupo	Nº Questão	Questão	Variável
1	14	Utiliza a informação contabilística na gestão da empresa?	Var. 001
2	18	A informação da Contabilidade é importante nas decisões operacionais (do dia-a-dia)	Var. 002
2	18	A informação da Contabilidade é importante nas decisões estratégicas (investimentos, novo negócio...)	Var. 003
2	18	A informação da Contabilidade é importante para o planeamento dos objetivos	Var. 004
2	18	A informação da Contabilidade é importante para o controlo orçamental	Var. 005
2	18	A informação da Contabilidade é importante para compreender os resultados do final do ano	Var. 006
2	18	Através da informação da contabilidade, é possível prever crises financeiras e o eventual risco de falência/insolvência	Var. 007
2	19	Tem uma relação de confiança com quem elabora a contabilidade	Var. 008
2	19	A informação da contabilidade, é essencialmente um meio para apurar impostos para o Estado	Var. 009
2	19	O tempo despendido com o elevado número de obrigações declarativas, reduziu a qualidade da informação da contabilidade	Var. 010
2	19	A utilização da informação contabilidade permite um melhor controlo da empresa	Var. 011
2	19	O uso da informação da contabilidade permite uma obtenção de melhores resultados da empresa	Var. 012
2	20	De modo geral, qual é o nível de importância que atribui à informação da Contabilidade, quando toma decisões?	Var. 013

## Análise estrutural

### Chi-Square Tests

#### Região \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,498 <sup>a</sup>	4	,478
Likelihood Ratio	3,597	4	,463
Linear-by-Linear Association	1,407	1	,236
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,76.

### Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	1,823	2,095	,759	3,547	3,941	3,210
df	4	4	4	4	4	4
Asymp. Sig.	,768	,718	,944	,471	,414	,523

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Região

### Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	5,704	1,427	7,891	4,751	3,549	2,934
df	4	4	4	4	4	4
Asymp. Sig.	,222	,839	,096	,314	,470	,569

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Região

### Chi-Square Tests

#### Setor \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	12,101 <sup>a</sup>	2	,002
Likelihood Ratio	12,966	2	,002
Linear-by-Linear Association	2,146	1	,143
N of Valid Cases	609		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,73.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	5,703	3,995	8,528	11,794	2,619	5,740
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,058	,136	,014	,003	,270	,057

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Setor

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	7,708	3,536	1,381	8,518	5,824	,875
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,021	,171	,501	,014	,054	,646

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Setor

**Chi-Square Tests****Forma jurídica \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,315 <sup>a</sup>	3	,725
Likelihood Ratio	1,445	3	,695
Linear-by-Linear Association	,001	1	,979
N of Valid Cases	609		

a. 3 cells (37,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,77.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	2,080	,893	1,260	5,282	7,055	3,027
df	3	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,556	,827	,739	,152	,070	,388

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: forma jurídica

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	5,329	11,456	5,786	2,407	3,782	1,040
df	3	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,149	,009	,123	,492	,286	,791

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: forma juridica

**Chi-Square Tests****Data constituição \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	9,566 <sup>a</sup>	3	,023
Likelihood Ratio	9,174	3	,027
Linear-by-Linear Association	6,222	1	,013
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 18,44.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	2,724	4,295	5,069	2,306	9,549	1,718
df	3	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,436	,231	,167	,511	,023	,633

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Data Constituição

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	1,639	4,776	1,835	5,185	1,877	7,688
df	3	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,651	,189	,607	,159	,598	,053

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Data Constituição

## Análise do perfil

### Chi-Square Tests

#### Gênero \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,275 <sup>a</sup>	1	,600		
Continuity Correction <sup>b</sup>	,165	1	,684		
Likelihood Ratio	,272	1	,602		
Fisher's Exact Test				,637	,339
Linear-by-Linear Association	,275	1	,600		
N of Valid Cases	609				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 29,78.

b. Computed only for a 2x2 table

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Mann-Whitney U	20588,50	21934,50	20196,50	20820,50	21370,50	20597,00
Wilcoxon W	88853,50	90199,50	88461,50	89085,50	89635,50	88862,00
Z	-1,646	-,639	-2,024	-1,544	-1,275	-1,637
Asymp. Sig. (2-tailed)	,100	,523	,043	,123	,202	,102

a. Grouping Variable: Gênero do gerente/administrador que preenche o inquérito

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Mann-Whitney U	20131,500	21938,500	20190,500	20984,000	19690,500	21670,500
Wilcoxon W	88396,500	29564,500	27816,500	89249,000	87955,500	89935,500
Z	-2,476	-,571	-1,925	-1,406	-2,371	-,766
Asymp. Sig. (2-tailed)	,013	,568	,054	,160	,018	,444

a. Grouping Variable: Gênero do gerente/administrador que preenche o inquérito

**Chi-Square Tests**

**Idade \* Utiliza informação Contabilística na Gestão**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	4,458 <sup>a</sup>	4	,348
Likelihood Ratio	4,324	4	,364
Linear-by-Linear Association	3,725	1	,054
N of Valid Cases	609		

a. 1 cells (10,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,73.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	1,340	1,269	2,630	10,833	2,519	4,200
df	4	4	4	4	4	4
Asymp. Sig.	,855	,867	,622	,029	,641	,380

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade do gerente/administrador que preenche o inquérito

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	6,470	8,447	7,974	6,503	8,333	4,369
df	4	4	4	4	4	4
Asymp. Sig.	,167	,077	,093	,165	,080	,358

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade do gerente/administrador que preenche o inquérito

**Chi-Square Tests**

**Habilitações \* Utiliza informação Contabilística na Gestão**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,082 <sup>a</sup>	2	,353
Likelihood Ratio	2,043	2	,360
Linear-by-Linear Association	1,649	1	,199
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 11,33.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	1,547	2,456	2,816	2,275	,470	,792
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,461	,293	,245	,321	,791	,673

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Habilitações académicas do gerente/administrador que preenche o inquérito

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	,968	6,437	1,716	1,039	2,825	4,629
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,616	,040	,424	,595	,244	,099

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Habilitações académicas do gerente/administrador que preenche o inquérito

**Chi-Square Tests****Área formação \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	8,583 <sup>a</sup>	1	,003		
Continuity Correction <sup>b</sup>	7,949	1	,005		
Likelihood Ratio	9,136	1	,003		
Fisher's Exact Test				,004	,002
Linear-by-Linear Association	8,569	1	,003		
N of Valid Cases	609				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 37,27.

b. Computed only for a 2x2 table

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Mann-Whitney U	22508,00	22931,50	23282,00	23119,00	24334,00	23045,00
Wilcoxon W	74511,00	74934,50	75285,00	75122,00	76337,00	75048,00
Z	-3,462	-3,403	-3,017	-3,191	-2,664	-3,076
Asymp. Sig. (2-tailed)	,001	,001	,003	,001	,008	,002

a. Grouping Variable: Principal área de formação do gerente/administrador

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Mann-Whitney U	26098,500	22521,500	27087,500	22898,500	23682,000	21953,000
Wilcoxon W	78101,500	37056,500	41622,500	74901,500	75685,000	73956,000
Z	-1,119	-3,341	-,198	-3,349	-2,652	-3,693
Asymp. Sig. (2-tailed)	,263	,001	,843	,001	,008	,000

a. Grouping Variable: Principal área de formação do gerente/administrador

**Chi-Square Tests**

**Anos de experiência \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,497 <sup>a</sup>	3	,058
Likelihood Ratio	7,858	3	,049
Linear-by-Linear Association	,000	1	,989
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 24,59.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	1,117	,445	1,758	,347	3,220	1,039
df	3	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,773	,931	,624	,951	,359	,792

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Anos de experiência em gerência/administração de empresas

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	4,289	3,844	4,112	,016	2,334	1,124
df	3	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	,232	,279	,250	,999	,506	,771

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Anos de experiência em gerência/administração de empresas

## Análise econômica/financeira

### Chi-Square Tests

#### VN \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,013 <sup>a</sup>	1	,910		
Continuity Correction <sup>b</sup>	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,013	1	,910		
Fisher's Exact Test				1,000	,525
Linear-by-Linear Association	,013	1	,911		
N of Valid Cases	609				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 15,37.

b. Computed only for a 2x2 table

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Mann-Whitney U	13048,000	13304,000	13216,000	12613,500	13155,500	13617,500
Wilcoxon W	15193,000	104682,000	104594,000	103991,500	15300,500	15762,500
Z	-,829	-,618	-,686	-1,332	-,890	-,260
Asymp. Sig. (2-tailed)	,407	,537	,493	,183	,374	,795

a. Grouping Variable: VN

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Mann-Whitney U	12685,500	11919,500	13214,500	12932,000	13428,000	12969,000
Wilcoxon W	104063,500	14064,500	15359,500	104310,000	15573,000	104347,000
Z	-1,473	-1,895	-,652	-,994	-,454	-,870
Asymp. Sig. (2-tailed)	,141	,058	,514	,320	,650	,384

a. Grouping Variable: VN

### Chi-Square Tests

#### Nº Trabalhadores \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	7,259 <sup>a</sup>	1	,007		
Continuity Correction <sup>b</sup>	6,570	1	,010		
Likelihood Ratio	8,151	1	,004		
Fisher's Exact Test				,006	,004
Linear-by-Linear Association	7,247	1	,007		
N of Valid Cases	609				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 22,29.

b. Computed only for a 2x2 table

#### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Mann-Whitney U	19662,000	20141,000	20043,500	18718,000	19941,500	18509,500
Wilcoxon W	25122,000	25601,000	25503,500	24178,000	25401,500	23969,500
Z	-,426	-,031	-,114	-1,275	-,240	-1,380
Asymp. Sig. (2-tailed)	,670	,975	,909	,202	,811	,167

a. Grouping Variable: Nº Trabalhadores

#### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Mann-Whitney U	19828,000	17617,000	19855,000	19754,500	20099,000	19468,000
Wilcoxon W	25288,000	23077,000	95321,000	25214,500	95565,000	24928,000
Z	-,357	-2,054	-,262	-,368	-,064	-,562
Asymp. Sig. (2-tailed)	,721	,040	,793	,713	,949	,574

a. Grouping Variable: Nº Trabalhadores

### Chi-Square Tests

#### Total ativo \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,652 <sup>a</sup>	1	,199		
Continuity Correction <sup>b</sup>	1,292	1	,256		
Likelihood Ratio	1,761	1	,184		
Fisher's Exact Test				,236	,126
Linear-by-Linear Association	1,649	1	,199		
N of Valid Cases	609				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 16,33.

b. Computed only for a 2x2 table

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Mann-Whitney U	14902,500	15037,000	13758,000	14916,500	15106,000	14839,500
Wilcoxon W	102892,500	103027,000	101748,000	102906,500	103096,000	17540,500
Z	-,372	-,263	-1,516	-,379	-,220	-,432
Asymp. Sig. (2-tailed)	,710	,792	,129	,705	,826	,666

a. Grouping Variable: Total.Ativo

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Mann-Whitney U	14883,000	13055,500	15270,000	13786,500	15076,500	13215,500
Wilcoxon W	102873,000	15756,500	17971,000	101776,500	103066,500	101205,500
Z	-,483	-2,063	-,022	-1,510	-,209	-1,895
Asymp. Sig. (2-tailed)	,629	,039	,982	,131	,835	,058

a. Grouping Variable: Total.Ativo

### Chi-Square Tests

#### RLP \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,444 <sup>a</sup>	2	,486
Likelihood Ratio	1,539	2	,463
Linear-by-Linear Association	1,167	1	,280
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,99.

### Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	5,073	,881	,746	,537	,741	1,516
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,079	,644	,689	,765	,690	,469

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: RLP

### Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	4,858	6,723	1,685	,091	,918	,520
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,088	,035	,431	,955	,632	,771

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: RLP

### Chi-Square Tests

#### Capital próprio \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,076 <sup>a</sup>	1	,783		
Continuity Correction <sup>b</sup>	,001	1	,972		
Likelihood Ratio	,078	1	,780		
Fisher's Exact Test				1,000	,505
Linear-by-Linear Association	,076	1	,783		
N of Valid Cases	609				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,57.

b. Computed only for a 2x2 table

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Mann-Whitney U	5500,500	4366,500	4492,000	4541,500	5529,000	5011,000
Wilcoxon W	5800,500	114112,500	114238,000	114287,500	115275,000	5311,000
Z	-,182	-2,115	-1,831	-1,781	-,169	-,950
Asymp. Sig. (2-tailed)	,856	,034	,067	,075	,866	,342

a. Grouping Variable: Capital Próprio

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Mann-Whitney U	5114,000	5517,500	5277,500	5108,500	5428,000	5209,500
Wilcoxon W	114860,000	5817,500	5577,500	114854,500	5728,000	114955,500
Z	-,975	-,150	-,523	-,839	-,298	-,612
Asymp. Sig. (2-tailed)	,329	,881	,601	,401	,765	,541

a. Grouping Variable: Capital Próprio

**Chi-Square Tests**

**ROA \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	,869 <sup>a</sup>	2	,648
Likelihood Ratio	,883	2	,643
Linear-by-Linear Association	,789	1	,374
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 34,00.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	2,057	2,069	2,085	2,063	,761	1,765
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,357	,355	,353	,356	,683	,414

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: ROA

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	4,926	3,558	4,323	,294	,917	2,554
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,085	,169	,115	,863	,632	,279

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: ROA

**Chi-Square Tests**

**ROE \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,450 <sup>a</sup>	2	,294
Likelihood Ratio	2,444	2	,295
Linear-by-Linear Association	2,361	1	,124
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 34,20.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	3,950	6,495	1,645	2,615	3,632	2,805
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,139	,039	,439	,270	,163	,246

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: ROE

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	1,666	1,683	1,116	3,182	3,723	6,823
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,435	,431	,572	,204	,155	,033

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: ROE

### Chi-Square Tests

#### Liquidez geral \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,548 <sup>a</sup>	1	,459		
Continuity Correction <sup>b</sup>	,398	1	,528		
Likelihood Ratio	,542	1	,462		
Fisher's Exact Test				,512	,263
Linear-by-Linear Association	,547	1	,460		
N of Valid Cases	609				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 38,62.

b. Computed only for a 2x2 table

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Mann-Whitney U	25175,000	24688,000	24287,500	26314,500	25923,000	24973,500
Wilcoxon W	80786,000	80299,000	79898,500	39034,500	81534,000	80584,500
Z	-,940	-1,392	-1,641	-,121	-,491	-1,085
Asymp. Sig. (2-tailed)	,347	,164	,101	,903	,623	,278

a. Grouping Variable: Liquidez Geral

### Test Statistics<sup>a</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Mann-Whitney U	26018,000	26347,500	26111,500	25233,000	26342,500	24508,000
Wilcoxon W	38738,000	39067,500	38831,500	80844,000	39062,500	80119,000
Z	-,408	-,088	-,258	-,945	-,096	-1,362
Asymp. Sig. (2-tailed)	,684	,930	,797	,345	,924	,173

a. Grouping Variable: Liquidez Geral

### Chi-Square Tests

#### Endividamento \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,399 <sup>a</sup>	2	,183
Likelihood Ratio	3,419	2	,181
Linear-by-Linear Association	,039	1	,843
N of Valid Cases	606		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 21,25.

### Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	1,288	,338	,377	,138	,155	1,027
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,525	,844	,828	,933	,925	,598

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Endividamento

### Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	,938	2,280	1,281	,008	6,586	,193
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,626	,320	,527	,996	,037	,908

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Endividamento

### Chi-Square Tests

#### Solvabilidade \* Utiliza informação Contabilística na Gestão (Var. 001)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,849 <sup>a</sup>	2	,146
Likelihood Ratio	3,880	2	,144
Linear-by-Linear Association	,000	1	,983
N of Valid Cases	609		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 30,16.

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 002	Var. 003	Var. 004	Var. 005	Var. 006	Var. 007
Chi-Square	1,337	,764	,807	1,447	1,003	,655
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,512	,683	,668	,485	,606	,721

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Solvabilidade

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	Var. 008	Var. 009	Var. 010	Var. 011	Var. 012	Var. 013
Chi-Square	3,144	,951	1,515	,032	3,823	,620
df	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,208	,622	,469	,984	,148	,734

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Solvabilidade